



Tempos vivos



VERACRUZ

2023
EXPOSIÇÃO DE ARTES
G5, 1º E 2º ANO



VERACRUZ

Tempos vivos

2023

EXPOSIÇÃO DE ARTES

G5, 1º E 2º ANO

SUMÁRIO

Apresentação	6
O Ateliê do Verinha: pulso e cultivo da arte na escola	9
Transformação: impermanência e continuidade	19
<i>Transformações da matéria: o barro e o fogo</i>	23
<i>Tintas de terra e autorretratos</i>	35
<i>Vasos que brotam</i>	45
<i>Tempos nas mãos</i>	53
<i>Eu sou porque nós somos: continentes, pangeia, ubuntu e tudo junto</i> ...	61
<i>Territórios que nos habitam</i>	75
<i>Fruit tasting</i>	81
Inventar tempos: sistemas e conexões	87
<i>O desafio do equilíbrio</i>	91

<i>Sala de aula sobre as águas</i>	101
<i>Retratos, retratistas e narrativas</i>	113
<i>Labirintos</i>	121
<i>A cidadela das crianças: uma cidade para todas as pessoas</i>	135
Tempo ao mesmo tempo: simultaneidade	143
<i>Grafite e a estética da escrita</i>	147
<i>Uma ocupação poética dos espaços</i>	157
<i>Eu sou porque nós somos</i>	165
<i>Coreografias do equilíbrio</i>	173
<i>O que é ser livre?</i>	185
<i>Mapas: camadas de afeto, memórias e experiências</i>	197
<i>Memórias: consciente coletivo</i>	207

APRESENTAÇÃO

“O que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada.”

Santo Agostinho

“És um senhor tão bonito, quanto a cara do meu filho.
Tempo, tempo, tempo, tempo.”

Caetano Veloso

Em 2023, ano em que o Vera completa seis décadas, trabalhamos com nossos alunos experimentações sobre o tempo. Tudo começou com uma grande ampulheta no Ateliê, concretizando sua passagem. Assim, inauguramos um ciclo de investigações sobre as várias formas que o tempo tem e de quais maneiras o temos experimentado.

Nessa exposição de artes, os projetos das turmas estão organizados por afinidade, em três núcleos. O primeiro trata da transformação, e abrange as ideias de impermanência e continuidade — o que muda e o que permanece nos diferentes fenômenos. Em outro núcleo, in-

vestigamos a simultaneidade, nos perguntando como diferentes tempos podem acontecer ao mesmo tempo. No terceiro, estão os projetos que exploraram formas distintas de inventar tempos, em que múltiplas conexões podem aparecer.

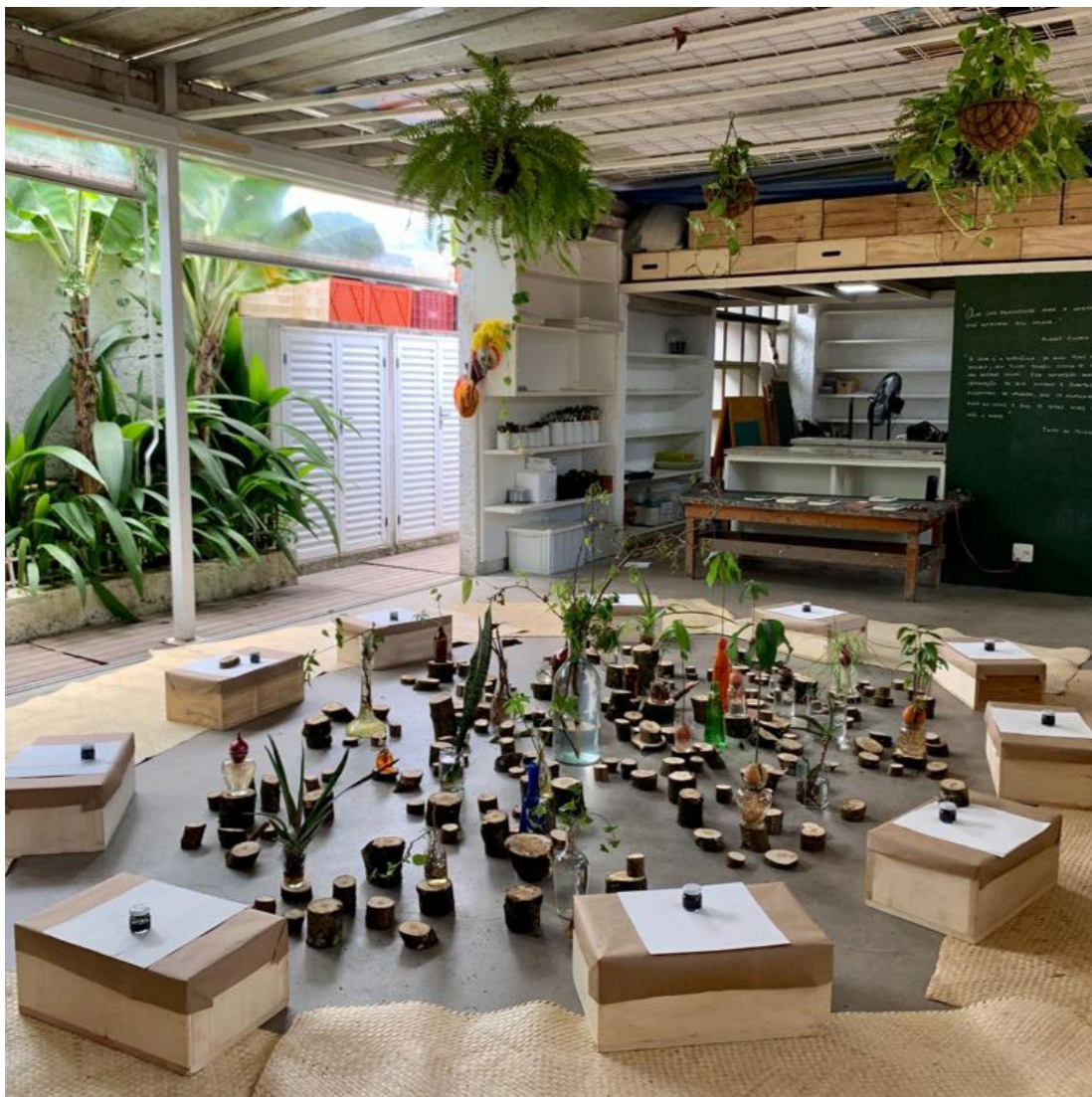
Com a intenção de tornar a exposição de artes mais relacional e dialógica, para cada núcleo há um convite a uma experiência poética. Essa vivência é pensada a partir do conceito irradiador de cada núcleo e atravessa todos os projetos investigativos que compõe aquela vizinhança. Ora mais contemplativos, ora mais interativos. Chamados de contextos, os ambientes e propostas elaborados para essas vivências instauram na exposição uma atmosfera de ateliê.

Transformação: Impermanência e continuidade

Tempos ao mesmo tempo: Simultaneidade

Inventar tempos: Sistemas e conexões

A exposição tem a intenção de nos lembrar da importância de nos demorarmos no presente, isto é, viver com presença e atenção os múltiplos tempos que existem e que podem vir a existir.



O ATELIÊ DO VERINHA: PULSO E CULTIVO DA ARTE NA ESCOLA

A arte e a dimensão estética do conhecimento estão presentes no cotidiano da escola, nos contextos de aprendizagens, nas salas de aula, nos murais, nas festividades, nos encontros.

O Ateliê de Artes convida a experiências poéticas imersivas: tempo-espaco de suspensão da lógica do cotidiano e interrupção de automatismos. O processo de criação, com seus estranhamentos e encantamentos, acontece a partir da escuta de si, do outro e do mundo.

Demorar-se nos detalhes. Olhar mais devagar. Ter lugar para a contemplação, para a pausa, a aceleração, viver diferentes ritmos. Habitar o contratempo. Lançar-se em um campo aberto. Deparar-se com



espaços vazios de modo que dali possa brotar algo desconhecido ou que se deseja cultivar.

Criação, estesia, fruição, reflexão, crítica, expressão, imaginação, intenção, linguagens e materialidades são diversas dimensões do conhecimento em artes que, articuladas, instauram e sustentam espaços para a expressão de corpos sensíveis, constituindo o que entendemos por “estado de ateliê”. Além de criar um lugar próprio da arte, o ateliê indica elos de conexão entre as diversas áreas do conhecimento e os processos de aprendizagens singulares e coletivos.

Chamamos de ateliê inaugural o convite de experiência poética criada coletivamente pela equipe de Artes na busca pela captura de afetos e urgências da contemporaneidade, que nos atravessam e pedem para serem elaborados em comunidade. No início do ano, crianças, funcionários da equipe pedagógica e da equipe administrativa vivenciam um ambiente composto por materialidades pensadas e preparadas cuidadosamente a partir dessas problemáticas, com uma atmosfera para a expressão em múltiplas linguagens.

Neste ano, a partir de uma grande ampulheta construída com as areias descartadas dos tanques da escola, irradiou-se do ateliê o desejo de pensarmos o tempo: outras experiências de tempo, relações



com o tempo, narrativas sobre o tempo, novas formas de olhar para o tempo, de sermos tempo juntos.

E assim, como uma semente que vai se enraizando, as questões germinantes do ateliê inaugural dispararam movimentos de reflexão nas diversas dimensões da vida na escola – de projetos desenvolvidos em sala de aula ao processo formativo das equipes. Desdobrando-se e presentificando-se em toda arquitetura do projeto curatorial da exposição de artes.

Descobrimos no final desse processo que, no Verinha, o tempo é vivo.

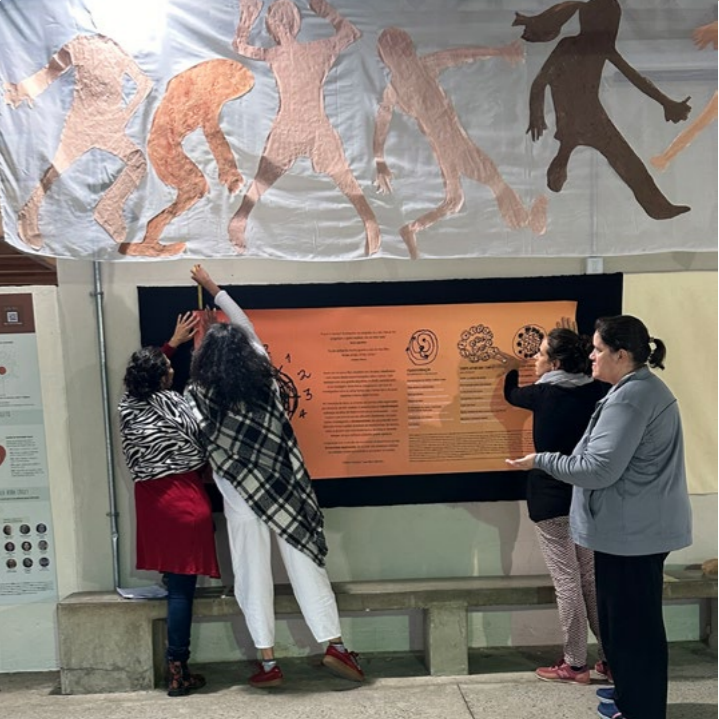
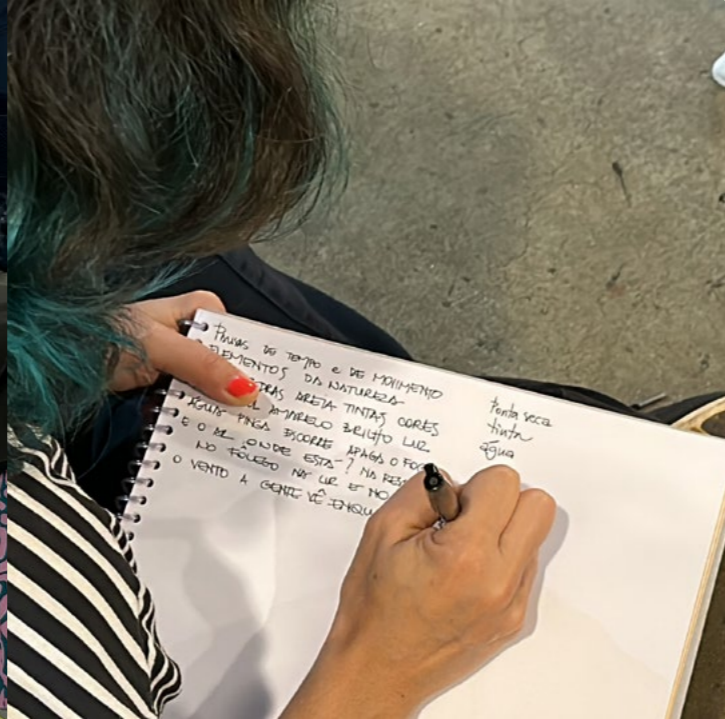
Estamos vivos.

ATELIÊ INAUGURAL



veracruz.ink/3Sgy2Bb







Transformação

IMPERMANÊNCIA E CONTINUIDADE

O que fica do que muda?

Tudo muda, o tempo todo. Mas de que forma essas transformações acontecem?

Uma das maneiras principais de capturar o tempo é acompanhando transformações. Nem tudo se transforma de uma vez, no mesmo ritmo. Além disso, ao mesmo tempo que a marca da transformação é a impermanência, a continuidade muitas vezes se compõe com aquilo que muda.

Este núcleo se propõe a investigar de que forma se dão as mais diversas transformações e a tornar visíveis continuidades e impermanências que se entrelaçam.

TRANSFORMAÇÃO

Convite à contemplação de gelos coloridos suspensos com fios no teto e seus derretimentos em bacias. Utilização de visores e abafadores de som.

Convite à escrita de uma carta para o tempo.





G5

PROFESSORAS
Julia Souza
Camila Stelzer

PROFESSORA ESPECIALISTA
Laura Gorski

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Helena Nobrega

TRANSFORMAÇÕES DA MATÉRIA: O BARRO E O FOGO

COMO DIFERENTES MATÉRIAS SE TRANSFORMAM?

Qual é o tempo necessário para cada transformação? O que acontece conosco enquanto experimentamos essas transformações? Quais movimentos nosso corpo faz? Como os diferentes elementos da natureza se relacionam no processo de transformação das matérias?

Diante dessas e de outras perguntas, nosso grupo experimentou e refletiu sobre diferentes transformações.

A TERRA, O BARRO, OS SABERES ANCESTRAIS EM JOGO

No Ateliê, conhecemos Maria Lira Marques, artista mineira do Vale do Jequitinhonha, e a sua série de pinturas “Bichos do sertão”. Seus saberes e suas raízes afro-indígenas atravessaram o imaginário do grupo e inspiraram as crianças a experimentar uma de suas técnicas: pintar com a **argila líquida**.

Gael: Olha, ela pintou o fundo. Então, ela amassa a argila e vira tinta.

Zeca: É argila derretida.

Ian: É porque colocou água.

Apresentamos também outra artista afro-indígena por quem as crianças se encantaram: Dona Cadu. Baiana do Recôncavo, ela é a ceramista mais antiga em atividade no Brasil, e dá vida a panelas, pratos e outros utensílios.*

* Este texto e a atividade com as crianças foram feitos antes do falecimento de Dona Cadu, em 21 de maio de 2024, aos 104 anos.





Descobrimos que Dona Cadu queima suas peças em uma grande **fogueira**, transformando a argila em cerâmica. Os saberes dessa centenária acerca do barro nos levaram a experimentá-lo em outro estado: a **argila modelável**, tomando forma pelo movimento das mãos de cada criança. Nos Ateliês, elas se conectaram com essa materialidade, experimentando um tempo alargado. Amassar, criar uma forma, transformá-la em outra, depois em outra, até saber o momento de parar e deixar secar foram aprendizagens construídas aos poucos, após repetirmos a experiência de modelagem diversas vezes. As crianças puderam, assim, aprimorar a técnica e criar seus próprios utensílios de cozinha.

Depois, essas peças de barro foram levadas ao forno de cerâmica, passando por mais uma transformação. Assim, se tornaram argila sólida, resistente, que não se desfaz: **cerâmica**.

Em diferentes momentos, propusemos rodas de conversa para refletirmos sobre essas transformações, confrontarmos hipóteses e acersarmos conhecimentos científicos. Assim, construímos um saber coletivo. Nessas conversas, o fogo apareceu como elemento fundamental para as transformações que observamos; por isso, escolhemos nos aprofundar em diferentes experiências com ele.

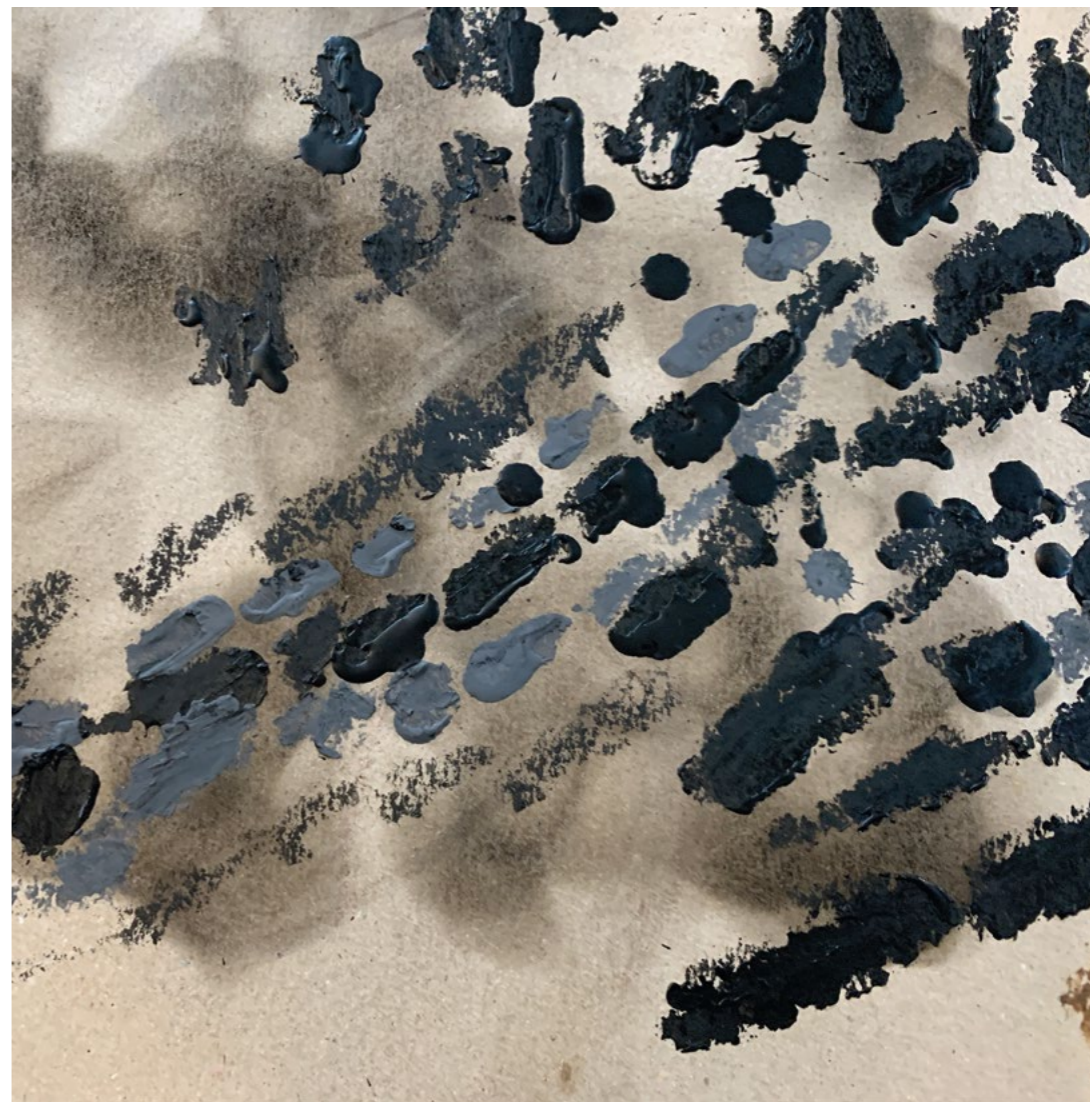


Eu acho que o fogo deixa a gente concentrado porque ele é mais forte do que a gente. Ana Flor

“[...] Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo.”

Rubem Alves, em *A pipoca*

Assim, ao manipular as materialidades, criar com elas, observar suas mutações pela ação do tempo e dos elementos da natureza e refletir sobre todos esses processos, aprendemos muito e nos transformamos.



**TRANSFORMAÇÕES DA MATÉRIA:
O BARRO E O FOGO**

OS SABERES AFROINDÍGENAS, TRANSMISSOS AO LONGO DO TEMPO POR UMA SÉRIE DE MULHERES CERAMISTAS DO BARRIO DO FOGUEIRA, EM RECÔNCAVO, SÃO APRESENTADOS ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE PINTURAS E OBJETOS DE CERÂMICA. AS CRIANÇAS E JOVENS DO BARRIO, ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE ATIVIDADES, APRENDERAM A TRABALHAR COM A ARGILA E A FAZER SUAS PRÓPRIAS PEÇAS DE CERÂMICA.

FORMA E BARRO: OS SABERES AFROINDÍGENAS EM CADA

AS CRIANÇAS E JOVENS DO BARRIO DO FOGUEIRA, EM RECÔNCAVO, SÃO APRESENTADOS ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE PINTURAS E OBJETOS DE CERÂMICA. AS CRIANÇAS E JOVENS DO BARRIO, ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE ATIVIDADES, APRENDERAM A TRABALHAR COM A ARGILA E A FAZER SUAS PRÓPRIAS PEÇAS DE CERÂMICA.



MARIA LIRA MARQUES

AS CRIANÇAS E JOVENS DO BARRIO DO FOGUEIRA, EM RECÔNCAVO, SÃO APRESENTADOS ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE PINTURAS E OBJETOS DE CERÂMICA. AS CRIANÇAS E JOVENS DO BARRIO, ATRAVÉS DE UMA SÉRIE DE ATIVIDADES, APRENDERAM A TRABALHAR COM A ARGILA E A FAZER SUAS PRÓPRIAS PEÇAS DE CERÂMICA.

Gael: OLHA, ELA PINTOU O FUNDO. ENTÃO, ELA AMASSA A ARGILA E VIRA TINTA.

Zeca: É ARGILA DERRETIDA.

Ian: É PORQUE COLOCOU ÁGUA.

APRESENTAMOS TAMBÉM OUTRA ARTISTA AFROINDÍGENA POR QUEM AS CRIANÇAS SE ENCANTARAM. DONA CADU BAIANA DO RECÔNCAVO, ELA É A CERAMISTA MAIS ANTIGA EM ATIVIDADE NO BRASIL, E DÁ VIDA A PAINÉIS, PRATOS E OUTROS UTENSÍLIOS.

DESCOBRIMOS QUE DONA CADU QUEIMA SUAS PEÇAS EM UMA GRANDE FOGUEIRA, TRANSFORMANDO A ARGILA EM CERÂMICA. OS SABERES DESSA CENTENÁRIA ACERCA DO BARRIO NOS LEVARAM A EXPERIMENTAR-LA. AGORA EM OUTRO ESTADO: A ARGILA MODELÁVEL. TOMANDO FORMA PELO MOVIMENTO DAS MÃOS DE CADA CRIANÇA. NOS ATÉLIÉS, ELAS SE CONECTARAM COM ESSA MATERIALIDADE, EXPERIMENTANDO UM TEMPO ALARGADO. AMASSAR, CRIAR UMA FORMA, TRANSFORMAR-LA EM OUTRA, DEPOIS EM OUTRA. ATÉ SABER O MOMENTO DE PARAR E DEIXAR SECAR FORAM APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS AOS POUCOS. APÓS REPETIRMOS A EXPERIÊNCIA DE MODELAGEM DIVERSAS VEZES, AS CRIANÇAS PUDERAM, ASSIM, APROFUNDAR A TÉCNICA E CRIAR SEUS PRÓPRIOS UTENSÍLIOS DE COZINHA.





G5

PROFESSORAS
Andréa Felix
Flávia Fernandes

PROFESSORA ESPECIALISTA
Laura Gorski

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Helena Nobrega

TINTAS DE TERRA E AUTORRETRATOS

EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM

As características da terra em suas diferentes densidades e cores foram focos de investigação do grupo. Exploramos as mudanças que acontecem no contato da terra com a água, tanto na cor quanto no peso e na textura, aquelas que eram mais moles e úmidas ou mais duras e porosas.

Experimentamos a modelagem da argila e a preparação de tintas de terra a partir dos pigmentos peneirados. O processo de acrescentar água e cola branca para chegar na consistência ideal para pintar foi sendo percebido aos poucos pelas crianças. Ora precisavam de mais água, ora de mais terra. Aos poucos, elas chegaram à cremosidade que julgaram boa para usar. Essa alquimia resultou em pinturas expressivas, manifestadas na ocupação do espaço do papel, na relação de composição e combinação de cores de terra.

A gente peneirou as terras para ver qual era a mais fininha e qual era a mais pesada. O sol evaporava a água e a terra ficava bem dura na praça. Francisco

A terra vermelha era a mais fininha e a mais dura. Gael

A terra vermelha virou argila! Nicolau

Quando a gente misturou terra com água, virou uma tinta. Manuela

Buscamos nos aproximar da compreensão de que a subjetividade de cada um é composta por uma diversidade de culturas, histórias e experiências. Assim, fizemos uma série de propostas para que as crianças pudessem vivenciar e expressar suas identidades. Nesse processo, os autorretratos também se tornaram objeto de investigação da turma.





O autorretrato é quando você desenha você mesmo. Foi diferente porque eu nunca tinha me olhado tanto e nem percebido que meu traço marcante era meu olho. Quando pintamos com a tinta de terra, foi especial, eu gostei de ser da natureza. Helena Peralta

Os registros compartilhados de suas preferências, os desenhos de observação com espelhos em diferentes suportes e tamanhos, a apreciação do trabalho de artistas que também realizaram autorretratos, a identificação de seus traços marcantes (inspirados especialmente por Frida Kahlo) e o exercício da dança, vivido nas aulas de Educação Corporal com a professora Priscila, geraram novos elementos para a investigação.

Vimos acontecer uma transformação do olhar. Ao se relacionarem com o outro partindo da leitura de si mesmas, as crianças ampliaram seu repertório da diversidade humana.

Simultaneamente, elas continuavam encantadas com as transformações da matéria: terra-argila-tinta. Assim, fizemos a seguinte provocação: será que as tintas de terra podem ser usadas para chegarmos ao tom da nossa pele?

Eu gostei de fazer a tinta de terra. Usei marrom de argila, amarelo e branco, marrom-escuro e só. Quando a gente fez o nosso rosto, foi muito, muito legal fazer tudo do meu rosto. Bernardo

A criação de tons de tinta de terra que se aproximavam dos tons de pele engajou o grupo em novas pesquisas sobre as diferentes cores das argilas, a quantidade de água e as possibilidades de misturas. Após algumas experimentações, a expressão pessoal de cada criança/artista se revelou nos autorretratos e nas silhuetas pintados com essas tintas, trazendo à tona reflexões sobre a nossa ligação com a natureza, sobre a origem e a identidade de cada criança.

Eu gostei de fazer o meu corpo e pintar com a tinta de terra. Parecia uma escultura. Marina







1º ano

PROFESSORAS
Renata Leme
Thainá Rodrigues

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Serri

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Juliana Parreira

VASOS QUE BROTAM

Os trabalhos manuais são bastante valorizados pelo nosso grupo, que fica admirado com as transformações das matérias. No 2º semestre de 2023, nos encantamos também com os cantos de trabalho que muitas vezes acompanham essas atividades.

Eles cantam em cada parte de trabalho. Francisco

Todos os cantos de trabalho evoluem pro mesmo objetivo. Bernardo

Eles evoluem como os pokémons, porque eles trabalham e vão evoluindo. Miguel C.

A experimentação dos trabalhos manuais e dos cantos de trabalho em nosso cotidiano contribuiu para que as crianças se sentissem pertencentes a um coletivo maior, conquistando novos ritmos de produção e reflexão.

Conhecer essas canções, presentes na cultura de agricultura familiar e comunitária, instigou-nos a uma pesquisa sobre o ciclo de algumas plantas.

Quando eu era pequena e tava mais ou menos no G3 ou no G4, eu plantava muito feijão. E, com o tempo, eu aprendi que não precisa regar tanto o feijão, que o algodão já segura a água pra bastante tempo, até ele crescer, porque absorve a água. Aurora

Ao conversarmos sobre as condições para o plantio, surgiu a importância do cuidado, o que suscitou a hipótese nas crianças de que as emoções e os sentimentos também são necessários para o crescimento e o bom desenvolvimento das plantas.

Eu acho que pra brotar a semente precisa de água, sol, largura, profundidade no vaso e amor pra cuidar. Isabela

A argila é barro, como a terra. A semente vai gostar dessa combinação e vai brotar. Miguel A.





Nossa, que alegria! Esse feijão tá criando raiz. Lis

Inspiradas por artistas contemporâneos que investigam as transformações, as crianças criaram vasos-esculturas que brotam.

Nesse processo, elas refletiram sobre os sentimentos e as emoções que gostariam de transformar por meio do trabalho coletivo com o canto, o barro, a terra e as sementes.

Quando eu tava fazendo o vaso, eu tava tenso, com medo do vaso não funcionar. Davi M.

Pra gente decidir cada detalhe, demorou muito, porque cada um queria uma coisa diferente. Guilherme

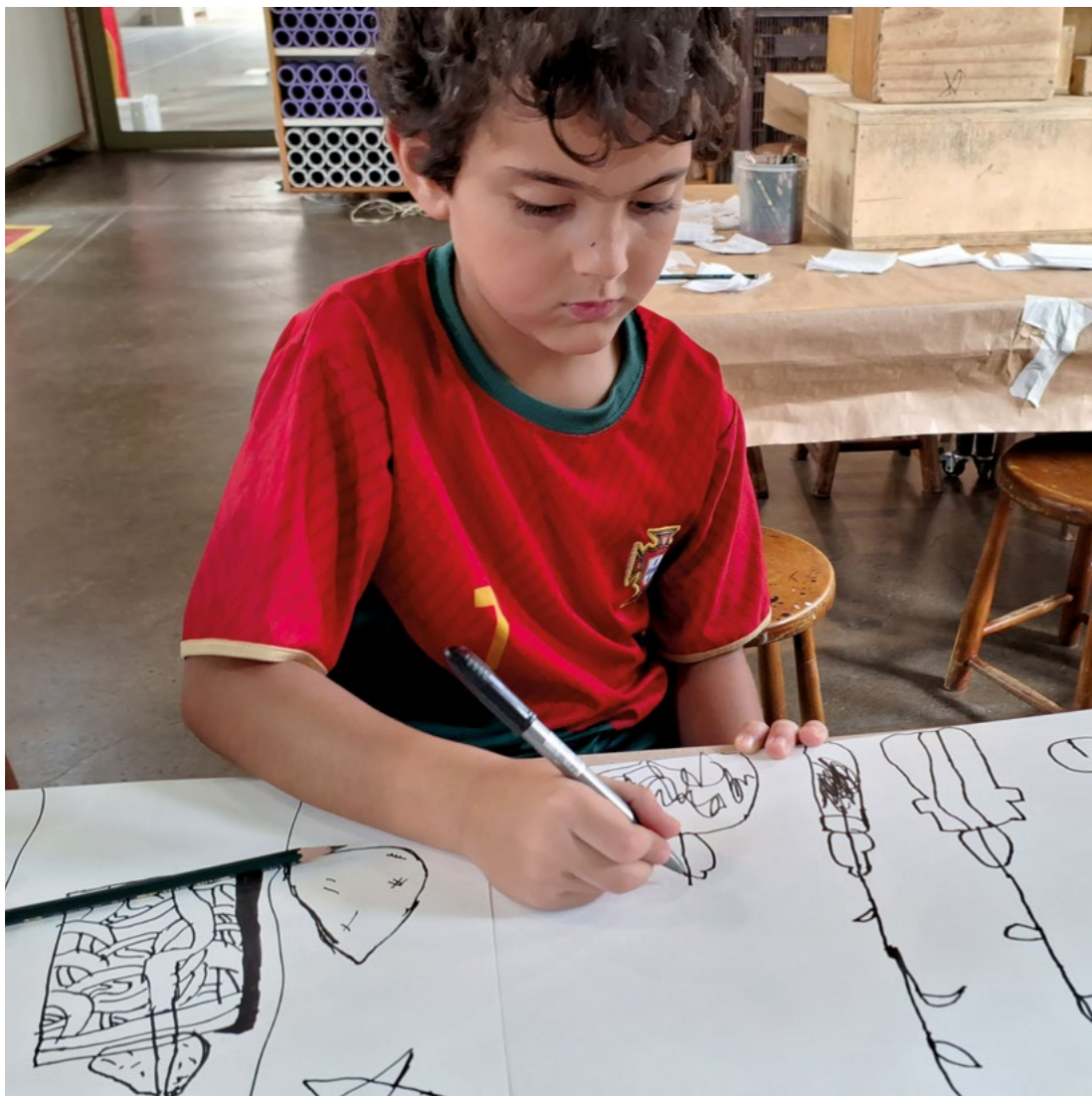
Afetar-se, trabalhar com os colegas, ceder, colocar-se, planejar, testar – validando ou não hipóteses e criando outras – foram aspectos que fizeram parte da sementeira dos projetos de cada grupo, que, agora, são exibidos em nossa exposição.

VASOS QUE BROTAM



veracruz.ink/4bNMtn3





1º ano

PROFESSORAS
Débora Freire
Helena Machado

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Galender

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Juliana Parreira

TEMPOS NAS MÃOS

O QUE É O TEMPO? COMO ELE PASSA?

Se dá pra pegar ar, acho que dá pra pegar o tempo. São duas coisas que são quase iguais, porque não dá pra ver os dois. Valentim

Se a gente consegue ver o vento, por que a gente não consegue ver o tempo? Luísa

Dá pra ver o tempo, no relógio! Nuno

Tempo é trigésimos e milésimos. Bernardo

O tempo passa conforme a gente vai crescendo. A gente olha e acha que tá do mesmo tamanho e não cresceu nada, a gente não percebe quando o tempo passa. Olívia

O tempo tá passando agora ó: passou, passou, passou, passou...

Babi

O tempo é uma coisa misteriosa. Lorenzo

Nosso grupo se empenhou em elaborar a passagem do tempo em nossas vidas, em outros seres e nos contextos que habitamos. Nesse processo, observações e reflexões sobre as experiências na escola, nas férias, nas brincadeiras e na praça foram mote para novas descobertas.

As coisas mudam de um jeito diferente, porque elas começaram de um jeito diferente, não é tudo igual. Sofia

A minha folha antes tava cinza e agora tá preta. Elisa

Quando coloca casca de banana na composteira, a minhoca come e demora um tempo. [...] Esse broto de flor a gente achou que, quando passar o tempo, ele vai virar flor. Isabela

Eu percebi a passagem do tempo quando tava crescendo os bambus. Eu fiz o vídeo das raízes do bambu, porque vai crescendo e vai passando o tempo. Marina



No Ateliê, as crianças investiram na representação de memórias para revelar as **marcas do passado**, por meio de modelagens com argila e desenhos em camadas, que aproximaram momentos distintos e complementares: o **antes e o depois**, e suas diversas possibilidades de **continuidades**.

O trabalho com as construções de blocos de madeira possibilitou a visualização de como as intervenções que fazemos com materiais em um espaço se modificam com o tempo, além do papel das crianças como protagonistas nessas intervenções.

Stop motion é uma foto que não é uma foto. É uma foto meio vídeo. Theo

A escolha pela pesquisa em linguagens de vídeo e fotografia, focadas no *time lapse* e no *stop motion*, possibilitou às crianças manipular as imagens para decidir como evidenciar a passagem do tempo em seus projetos, a depender de suas intenções.

Brincadeiras de capturar o tempo, mexer no tempo, mudar o tempo, reinventar os tempos.

TEMPOS NAS MÃOS



veracruz.ink/3Wv3cHe







2º ano

PROFESSORES
Taís Patrício
Danilo Santana

PROFESSOR ESPECIALISTA
Andre Papineanu

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Marcia Moraes

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS: CONTINENTES, PANGEIA, UBUNTU E TUDO JUNTO

“Meu avô, o arcebispo Desmond Tutu, explicava a essência do Ubuntu como: ‘Minha humanidade está vinculada e inextricavelmente ligada à sua’.”

Mungi Ngomane

Na noção do Ubuntu, conceito da filosofia sul-africana, a definição do eu é dada levando-se em conta o coletivo de pessoas que passaram pela vida de um indivíduo; daí, surgiu a frase: “eu sou porque nós somos”. Durante o semestre, nos inspiramos nessa cosmovisão para o trabalho com as crianças, relacionando as investigações de Ciências e de Artes.

Com o intuito de provocar as crianças a refletirem sobre a origem da nossa população, propusemos que elas pensassem sobre quem teria sido a primeira pessoa brasileira. Tomando o mapa-múndi como base e sabendo que os primeiros seres humanos surgiram no continente africano, as crianças levantaram algumas hipóteses:

Helena: *Eu acho que a primeira pessoa do mundo foi uma mulher, porque as mulheres que criam os homens.*

Milena: *Foi uma mulher indígena, eles [os indígenas] foram as primeiras pessoas a chegar no Brasil, porque, quando eles chegaram, os portugueses tomaram a terra deles.*

Francisco: *Tá vendo aquele espaço na África? Então, encaixa no Brasil. Algo separou o Brasil da África, e uma mulher grávida foi por acaso ao Brasil.*





Julia: *Todo mundo tá falando que o Brasil e a África eram juntos. Todos os países eram juntos e se separaram em pedacinhos. Alguns países não se separaram.*

Valentina: *Eu acho que um dos meteoros do Big Bang podem ter caído na Terra e ter formado as placas tectônicas.*

Rafa: *Na verdade, o Big Bang não atingiu a Terra, ele formou o mundo.*

Tom: *Essa primeira mulher foi quem criou os humanos? Quem criou a primeira mulher?*

Fabício: *E quem criou o Big Bang?*

Como a história da população brasileira se situa na história do planeta Terra? Será que a união dos continentes ofereceria pistas para se descobrir quem foi a primeira pessoa brasileira?

Numa primeira tentativa de reconstrução do passado, as crianças recortaram os continentes e tentaram remontá-los para representar a Pangeia — nome que usaram para descrever esse momento em que os continentes estavam unidos.

Helena: *Eu percebi que, quando a gente fez aquela “Pangeia”, eu percebi que o Brasil e a África não se encaixam. No Google Earth, não dá para ver todos os países de uma vez, que nem dá no mapa-múndi.*

Julia: *É que a geometria do Google Earth é 3D. Para o mundo inteiro caber no mapa-múndi, ele precisou ser expandido.*

“PANGEIA DAS CORES”

No Ateliê do 2º semestre, o encontro entre tintas líquidas propiciou a investigação sobre a formação da “Pangeia de cores”, assim nomeada por João Teixeira.

Exploramos os limites dos territórios dados pela fluidez da tinta guache com água. O recorte e colagem também ajudou a estruturar as teorias do grupo sobre os encaixes dos continentes.

O que seria a pangeia, e como os continentes se separaram? Eles teriam boiado? Teriam sido separados por um meteoro, por raios, por tempestades ou pelo movimento das placas tectônicas?

Como eles escrevem sobre o mundo antigamente, se eles não estavam lá? Por exemplo, como eles sabem dos dinossauros? **Fabício**

Descobrimos, em textos científicos, que a Terra passou por muitos períodos, e encontramos diversos mapas da Pangeia!





UBUNTU E PANGEIA

Você é da minha família. E é da de todo mundo, porque a primeira pessoa do mundo teve filhos e somos filhos dos seus filhos. João Bustani

Sim, eu já senti a sensação, é muito boa. Se você não sentiu, recomendo sentir. Pra mim, o Ubuntu é um gesto de generosidade e respeito. O ubuntu não é que você não tem que [não] cuidar de si, mas também não só cuidar de você. Inês

*Ubuntu e Pangeia,
tudo junto e misturado,
é uma bela ideia.*

*Utopia direta,
imaginada no cotidiano,
subjetividade inquieta.*

*Na Terra,
placas tectônicas e coletas,
coletivamente,
entrega.*

Danilo Santana

Ubuntu é, para mim, você se ajudar e ajudar os outros ao mesmo tempo. Rafael

Eu acho que é colaboração, tipo você fazer um trabalho em grupo, e você ajuda as pessoas. É isso! Eu já sinto isso na Matemática. Luisa

Ubuntu, para mim, é dividir coisas importantes com a minha família e os meus amigos, porque sem eles eu não seria eu. E sim! Eu já sinto o espírito Ubuntu.

Milena

PANGEIA DAS CORES



veracruz.ink/3zR9dW8







2º ano

PROFESSORAS
Claudia Munhoz
Fernanda Barroso

PROFESSOR ESPECIALISTA
Andre Papineanu

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Helena Nobrega

TERRITÓRIOS QUE NOS HABITAM

O medo se transforma em coragem quando você sabe mais das coisas que você tem medo. Ricardo

E, cada vez que a gente via mais o nosso medo, a gente tinha mais coragem. Melik

Debruçados sobre o estudo dos conteúdos de Matemática (geometria, grandezas e medidas) articulados aos de Ciências Humanas (passagem do Verinha para o Verão), iniciamos o semestre explorando os

espaços da escola, a praça, o caminho do Verinha até o Verão. Esboçamos mapas e estudamos a representação de espaços, bem como reconhecemos e representamos formas de diferentes perspectivas.

Animados por esses estudos, começamos a pensar nos territórios de dentro do nosso corpo, e nos de fora também. “Território de fora da gente são todos os lugares por onde a gente passa.”, comentou Cecília. **Percebemos que dentro da gente temos sentimentos, emoções, pensamentos, ideias e vontades** que ocupam espaços importantes e se manifestam de muitas formas.*

Instigados pelos territórios que existem dentro de nós, experimentamos fazer juntos o mapa do acampamento. **Nesse momento, “a gente pisou bem fundo” nas nossas sensações e sentimentos e colocamos: empolgação, felicidade, esperança, saudade, alegria, diversão, imaginação, assim como tinha o medo, a coragem.**

A partir dessa exploração, fizemos muitos outros mapas, e começamos a pensar nas travessias entre os territórios e entre os sentimentos.

* Este texto foi escrito a muitas mãos (em negrito, o texto das crianças, elaborado coletivamente).

Pensamos que a travessia é um caminho, mas não só um caminho como aqui ao Verão, é como ligar os sentimentos. **Sofia Miglioli**

Quando a gente foi aqui para o Verão, sentimos no começo expectativa. No caminho, isso foi se transformando em calma. E, chegando lá, mudou para curiosidade. **Valentina**

Para representar os sentimentos, além do desenho, utilizamos argila, tintas coloridas e movimentos corporais. Estudar o artista Guto Oca nos ajudou a elaborar melhor como fazer as travessias entre os territórios. Além disso, estudar o trabalho de Marina Abramovic nos auxiliou a pensar na expressão das emoções.

O *amor* e o *ódio* surgiram a partir do estudo dos territórios do acampamento. Como sentimentos antagônicos, notamos que eles estavam deslocados nas extremidades do mapa, e imaginamos que poderíamos desafiar as crianças a pensar sobre esses sentimentos e suas travessias.

O que há na travessia entre o *amor* e o *ódio*?







Grade 1 INGLÊS

PROFESSORAS
Adriana de Rezende
Ana Cláudia Neves
Beatriz Morena
Juliana Tenucci
Juliana Terra

ORIENTADORA
Lilian Dafferner (Lika)

FRUIT TASTING

DO YOU LIKE STARFRUIT?
[VOCÊ GOSTA DE CARAMBOLA?]

Começamos nosso projeto perguntando às crianças quais eram suas frutas favoritas e se elas já sabiam nomeá-las em inglês.

A partir de suas respostas, elas perceberam que desconheciam muitas dessas frutas, o que despertou a curiosidade e o desejo de provar novos sabores.



Fizemos, então, uma pesquisa para descobrir quais frutas elas gostariam de experimentar. *Kiwi, kumquat, passion fruit, coconut e starfruit* foram as frutas selecionadas.

WHAT DOES IT TASTE LIKE?

[QUE GOSTO TEM?]

Antes, imaginamos com o grupo quais sabores essas frutas teriam:

SWEET SALTY SOUR BITTER

(doce, salgado, azedo, amargo)



FRUIT TASTING DAY

Finalmente chegou o dia de provar as novas frutas!

As crianças estavam ansiosas para conhecer essas frutas e descobrir se o sabor que imaginavam correspondia às suas expectativas. Muitas foram as surpresas.

It's sweet! **Vicente Magalhães**

It's sour, but I like it! **Izadora Coutinho**

I don't like it, it's sour! **Carolina Gobbi**

It's bitter and I love it! **Gabriel Bottiglieri**

A partir dessa experiência, cada criança pôde se autoconhecer e se conectar com as suas preferências a partir do novo, sendo capaz de nomear novos sabores e sensações em inglês.



FRUIT TASTING

DO YOU LIKE STARFRUIT?

DOCE GOSTO DE CARAMOLADO

COMO CHEGAMOS NESTE PROJETO DE PESQUISA? AS CRIANÇAS DA ESCOLA DA FLORESTA MANGUEIRA E SE ELAS A SAZÃO NOMEIA AS SUAS FRUTAS.

A PARTIR DAS SUAS RESPOSTAS, ELAS PROCEDERAM QUE DESCOBRISSAM MUITAS COISAS SOBRE O GOSTO DAS CRIANÇAS E O DESEJO DE PROVAR NOVAS SABORES.

FORNOS, ENTÃO, UMA PESQUISA PARA DESCOBRIR QUAL FRUTA ELAS GOSTAM DE EXPERIMENTAR MAIS, COMO: PÊSSEGO, CARAMOLADO E STARFRUIT PARA AS PESSOAS ADULTAS.

FRUTA	DOCE	DOCE GOSTO DE CARAMOLADO	DOCE GOSTO DE TÊME
STARFRUIT	●	●	●
FRUTA 2	●	●	●
FRUTA 3	●	●	●
FRUTA 4	●	●	●
FRUTA 5	●	●	●

WHAT DOES IT TASTE LIKE?

SWEET - SALTY - SOUR - BITTER

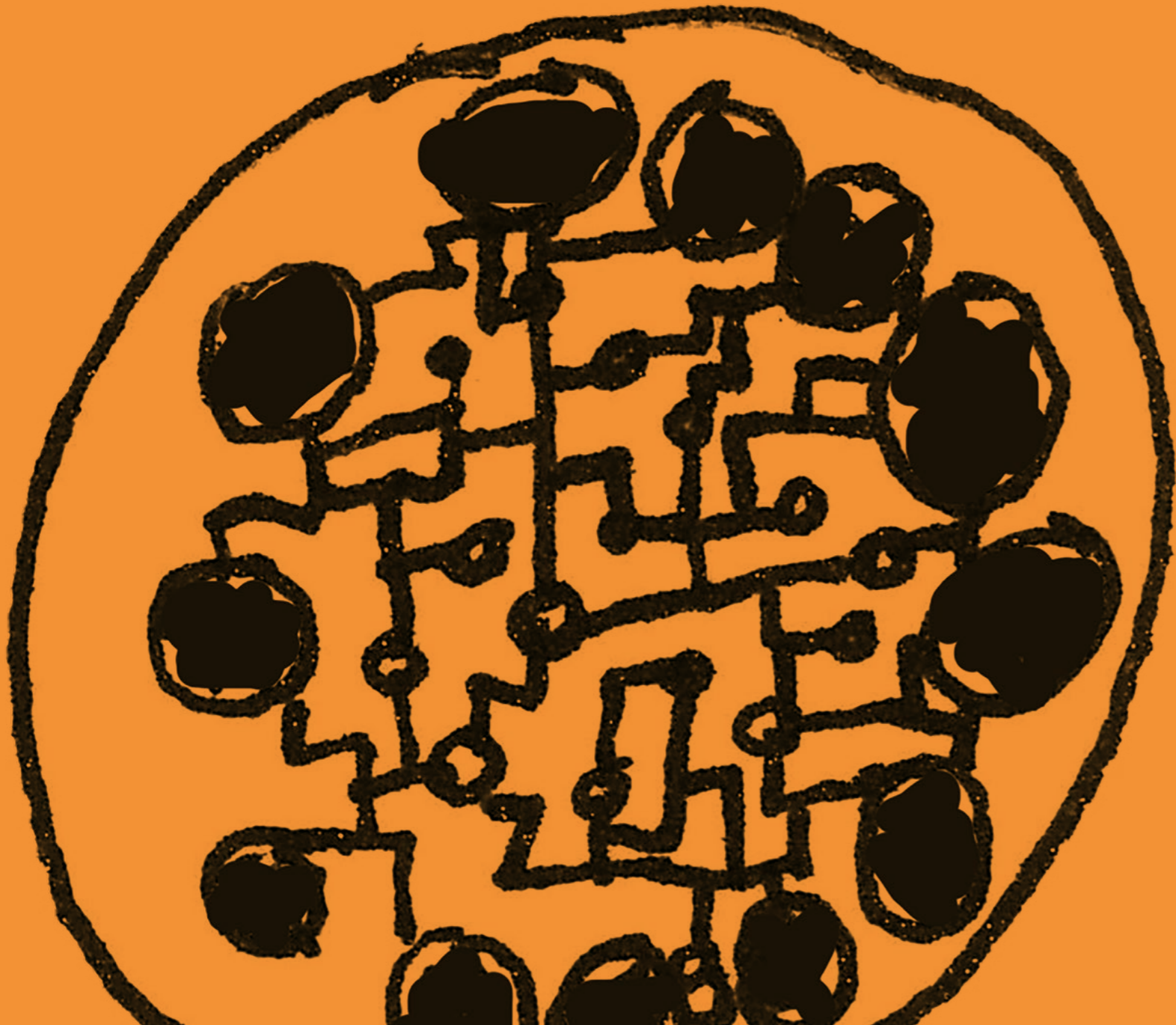
DOCE - SALGADO - AZEDADO - AMARGO

FRUIT TASTING DAY

FINALMENTE CHEGOU O DIA DE PROVAR AS NOVAS FRUTAS!

AS CRIANÇAS ESTÃO ANSOSAS PARA CONHECER ESSAS FRUTAS E DECORRER DE O SAZÃO QUE NOMEARÃO COM BASE NAS SUAS EXPERIÊNCIAS. MUITAS FRUTAS AS SURPRETAS!





INVENTAR TEMPOS

SISTEMAS E CONEXÕES

Cidades, pistas, relações: tudo isso pode ser lido a partir da ideia de sistema. Se mexo numa parte, o que acontece com o todo?

Sistemas permitem acesso a um tempo causal, lógico, no qual o encaqueamento entre um evento e outro é necessário para que se produza um determinado resultado. Projetar cidades ou pistas, por exemplo, permite experimentar um tempo no qual o futuro se torna presente. Ao antecipar possibilidades, acessamos um tempo que (ainda) não está aqui, mas que pode vir a estar.

Os trabalhos deste núcleo se dedicam a inventar tempos, possibilidades que as diversas conexões podem fazer surgir.

INVENTAR TEMPOS

Convite à construção a partir de cubos, régulas, caixas de papelão com a presença de elementos orgânicos que desafiem a estabilidade e o equilíbrio.





1º ano

PROFESSORAS
Viviane Noguchi
Ana Célia Carvalho

PROFESSOR ESPECIALISTA
Andre Papineanu

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Juliana Parreira

O DESAFIO DO EQUILÍBRIO

O QUE É EQUILÍBRIO?

Equilíbrio é ficar de pé. Helena E.

Tem que ficar reto pra equilibrar. Heloisa

É uma coisa que não dá pra cair. Isabella

Quando dá certo, é porque está equilibrado. Eva

É tipo uma bola parada em cima da outra. Gabriel T.

É quando você fica bom de pular de um pé só. Samuel

Pra tudo tem um equilíbrio. Lira

ONDE ESTÁ?

Na prancha, você tem que ficar no equilíbrio para não cair. Maria B.

Quando você faz uma montanha de terra, sem molhar, e ela não cai. Gabriel B.

Pra andar de bicicleta tem um equilíbrio, a gente só tem que achar. Helena E.

O quadro na parede está equilibrado, porque, senão, estaria torto.

A gravidade ajuda a cadeira a ficar com os pés no chão. Lira

Eu acho que a gente acha o equilíbrio dentro do nosso corpo. Catarina

O EQUILÍBRIO NO CORPO

No pé da pessoa, tem equilíbrio pra subir numa bola. Samuel

Eu acho que tem equilíbrio nos ossos e no cérebro, porque, com o cérebro, a gente comanda o corpo. Helena B.

Tem equilíbrio nos sentimentos, senão eles iam ficar todos misturados. Dora





É FÁCIL OU DIFÍCIL?

*O equilíbrio é bem difícil de fazer. **Isabella***

*Fazer uma ponte já é fácil pra mim. **Igor***

*Depende do equilíbrio, tipo um triângulo: é fácil ou difícil? **Caetano***

*Em um triângulo é mais difícil de equilibrar, porque tem uma pontinha que cai. **Martim***

O APRENDIZADO DO EQUILÍBRIO

*Eu achava difícil andar de bicicleta sem rodinha, mas agora eu acho fácil, porque eu treinei e aprendi. **Max***

*Tem que treinar, treinar, treinar. E, pra treinar, tem que cair. **Lira***

*O equilíbrio também tem a ver com o medo de cair. Um dia, no balanço, eu ficava com medo de cair, e meu irmão me ajudou. **Samuel***

*Se a gente erra uma coisa e já desiste, não é bom. O tempo é tipo um parceiro do equilíbrio, ele vai passando e a gente vai ganhando o equilíbrio. **Maria C.***

*Porque com o erro você aprende uma lição nova, te ajuda a chegar no ponto. Você tenta perceber o que aconteceu, pra você tentar melhorar. **Angelina***

AS PISTAS

No Ateliê, as crianças investiram na construção de pistas. Em pequenos grupos, fizeram o planejamento e a execução de várias delas. Ao final, chegaram coletivamente na construção de uma única pista.

Na exposição, convidamos todos a participarem dessa experiência!







1º ano

PROFESSORAS
Lilian Schiavinato
Hanna Feli

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Serri

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Helena Nobrega

SALA DE AULA SOBRE AS ÁGUAS

Vamos construir uma cidade. Vicente

A gente tá fazendo uma casa. Que tal ser uma casa da cidade? Julia

No Ateliê, continuamos a pesquisa sobre o trabalho do artista Andy Goldsworthy, que tanto interessou às crianças, e demos continuidade às intervenções na praça, iniciadas no 1º semestre. No lugar de pedras, utilizamos argila. Casas e ninhos foram algumas das construções que surgiram.

COMO AS INTERVENÇÕES HUMANAS IMPACTAM A NATUREZA E COMO OS AMBIENTES NATURAIS NOS INFLUENCIAM?

As crianças elaboraram projetos para outras intervenções, dessa vez utilizando apenas os materiais já disponíveis na praça. Assim como faz Andy Goldsworthy, elas geraram pouco ou nenhum impacto no sistema, mas uma significativa alteração na paisagem.

Com a intenção de que refletissem sobre outros sistemas, convidamos as crianças a pensarem nas mudanças necessárias para executar os mesmos projetos no Ateliê, tanto pela mudança do ambiente quanto pelas materialidades agora disponíveis.

ANDY GOLDSWORTHY

Andy Goldsworthy faz uma reorganização de elementos naturais na paisagem, utilizando apenas o que já está disponível.





UMA ESCOLA SOBRE AS ÁGUAS

As fortes chuvas que caíram provocaram muitas questões sobre como seguir os percursos de construções. Ao ver as areias do Verinha submersas, Francisco questionou se seria possível fazer construções na água.

Professora: *Que construção a gente pode fazer na água?*

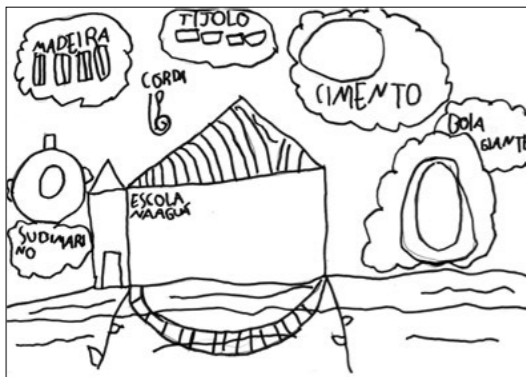
Francisco: *Barco.*

Professora: *Barco! O que mais?*

Francisco: *Escola.*

Professora: *Então, me conta. Como a gente pode construir uma escola na água?*

Francisco: *É uma escola submarina.*



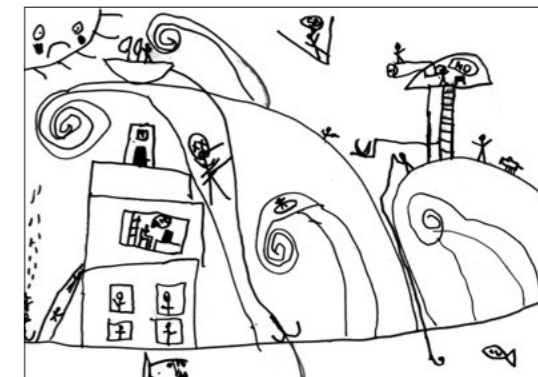
Carolina



Mathias



Victoria



Vicente

É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA ESCOLA NA ÁGUA?

A minha ideia é uma boia gigante para sustentar, e fica com dois cipós bem fortes embaixo segurando. **Carolina**

Mathias: Tem dois pilares para segurar a escola e, aqui, uma mochila a jato, porque a entrada é por cima.

Professora: E esses pilares vão até onde?

Mathias: Até a areia, no fundo do mar.

Pedro: Eu também fiz pilares para segurar a escola!

Eu pensei que é um castelo misturado com submarino. É uma escola submarina, só que o tema é castelo. **Victoria**

Sarah: Na minha escola, tem um cipó muito forte e grande que segura a escola. E as crianças vão para escola com uma jangada, e tem vários quartos para elas dormirem lá. E elas vão ver os pais e alguém da família delas quando for fim de semana e feriado.

Professora: Por que elas não vão e voltam todos os dias?

Sarah: Porque a escola é no meio do rio ou do mar, então é mais ou menos 1 hora de viagem para ir e voltar. E aí, imagina 1 hora para ir e voltar todo dia?

Milo: Não daria para equilibrar a escola na água, ia balançar toda hora e as crianças iam se afogar.

Isabella: Eu acho que ia afundar porque os materiais para construir uma escola são muito pesados.



CONSTRUÇÕES SOBRE ÁGUAS

Após levantarem suas hipóteses, as crianças, no Ateliê, fizeram novos projetos, contemplando outras construções sobre águas.

Mathias: *Você desce e entra na casa. E, em cima, é um iate.*

Professora: *E como faz para respirar?*

Julia: *Tem um tubo que não para de soltar ar lá dentro.*

Milo: *Tem um tapetinho que Alice colocou e uma cama.*

Professora: *E aqui, em volta da casa?*

Milo: *Aqui, em volta, a gente fez um píer, uns botes e essa árvore.*

A fim de aprofundar os projetos no Ateliê, apresentamos imagens das palafitas construídas no Rio Negro, na Amazônia. Conversamos sobre essas estruturas, que sustentam a vida nos períodos de seca e também de cheia, quando as águas podem subir mais de 10 metros.

Convidamos a todos e todas para acompanhar a investigação sobre a construção de pilares e passarelas, conectando os sonhos dentro dessa sala de aula.





1º ano

PROFESSORAS
Camila Capato
Beatriz Freire

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Serri

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Juliana Parreira

RETRATOS, RETRATISTAS E NARRATIVAS

Uma foto é uma lembrança, e uma lembrança é uma história. Luísa

“Quando eu morava no sítio Asahi (interior de São Paulo, onde nasci e cresci), lembro de uma mala que guardava os retratos da família. Adorava olhar os meus pais, avós, tios, em outros tempos. Retratos trazem cantos do passado e ajudam a conhecer quem somos nós. Em cada canto são tantas as histórias de vida!”

Lúcia Hiratsuka, em *A máquina de retrato*

Conhecemos diversas histórias de personalidades inspiradoras, principalmente por meio de livros biográficos. Nesse processo, entramos em contato com a linguagem visual do retrato como mais uma fonte sobre a história dessas pessoas.

As crianças experimentaram, no Ateliê, diferentes técnicas de desenho para produzir retratos de colegas e de outras pessoas inspiradoras compartilhadas pelo grupo, num rigoroso investimento de observação.

A biografia descreve a vida de alguém usando as palavras. Mathias
Os retratos contam a história da pessoa, porque mostram como ela era. Mostram a cena da pessoa. Podem contar de quando ela era pequena, de quando era grande. Marina S.

Os retratos podem ser uma foto, um desenho, uma pintura... Flora

Observamos retratos que exploram a metalinguagem e o uso de câmeras obscuras, com foco nas múltiplas narrativas, a princípio invisíveis, presentes em uma mesma cena. Descobrimos que um retrato pode nos contar tanto sobre a pessoa retratada quanto sobre o retratista, revelando também o próprio processo artístico em sua obra.





Conhecer histórias que se inter cruzam é uma oportunidade para as crianças ampliarem suas percepções sobre si mesmas, o outro e as formas como se produzem os conhecimentos, de diferentes pontos de vista.

Essas fotos contam a história da gente desenhando um ao outro, na quadra, na areia. A gente consegue contar como a gente se desenhou! **Henrique**

RETRATOS
E RETRATISTAS



veracruz.ink/46gaHp4





2º ano

PROFESSORAS
Claudia Stefanelli
Hanna Felix

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Galender

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Marcia Moraes

LABIRINTOS

“A experiência no labirinto não é criar saídas. Não é Teseu. Nem flutuar sobre o labirinto, vendo de longe seus caminhos.

Não é Ícaro. A experiência no labirinto é invenção de um modo outro de ser labirinto, de estar no labirinto. Invenção de labirintos. Invenção de si e do mundo.”

Sônia Maria Clareto e Margareth Sacramento Rotondo

A criança e seu modo de ser pouco separam mente e corpo, razão e sensibilidade. A viagem pelo mundo dos labirintos não foi diferente. Diversas linguagens agregaram as ciências, as artes e as múltiplas dimensões dessa criança inteira e integrada.

Foram convites para imaginar mundos e inventar tempos. Tempos de se perder e de se encontrar, tempos de descobrir caminhos, arquitetar, entrar em contato com as próprias sensações.

As crianças estudaram, planejaram, construíram e representaram, em diferentes perspectivas, escalas e dimensões, os espaços criados e habitados por elas.

Labirinto é um lugar com vários caminhos e várias linhas. Julia

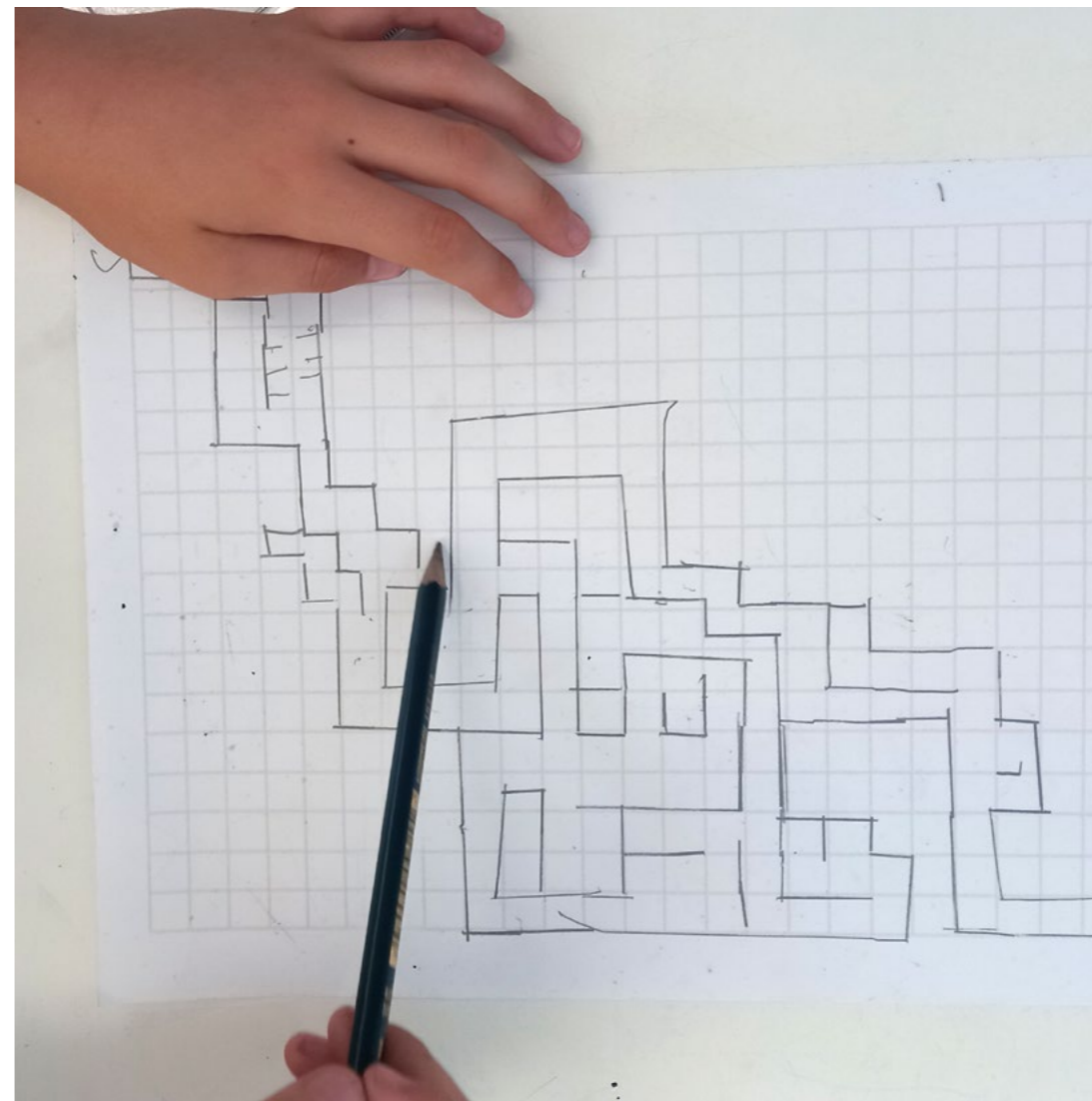
Acionaram saberes sobre localização e composição espacial para criar e percorrer caminhos – tanto aqueles que levassem a algum lugar quanto outros que não levavam a lugar algum.

É muito confuso, com becos sem saída que enganam a gente. João Peloia

O caminho certo pode ser mais longo, ter mais curvas e se afastar bastante para ficar mais difícil. Antonio Herdeiro

A gente fecha o caminho no final. Vai despistar e enganar, e faz o certo naquela direção. Beatriz

As crianças colocaram-se dentro do labirinto, como sujeitos da experiência que pensam de forma compartilhada, transformam e aprimoram as construções.





As esteiras poderiam ser colocadas mais altas para dar mais essa sensação de confuso. João Peloia

Os blocos bem pertinho um do outro estão dando a sensação de perdido. Saul

As pedras no chão deixaram o labirinto mais bonito, vamos pôr mais? Nina

Também se colocaram fora do labirinto, olhando de cima, analisando filmagens e acessando memórias, como sujeitos que, enquanto ampliam a percepção do olhar, inventam e reinventam processos.

Esse vídeo é do nosso labirinto, só que ele está em diagonal para baixo. Se você olhar de um ponto de vista, vai ser uma coisa, se olhar por outro, vai ser outra coisa. João Bartoli

Eu fico com a sensação de estar ainda mais perdida assim. Dora

As esteiras penduradas vão dar essa sensação de perdido porque ficam altas. Boa ideia! Laura

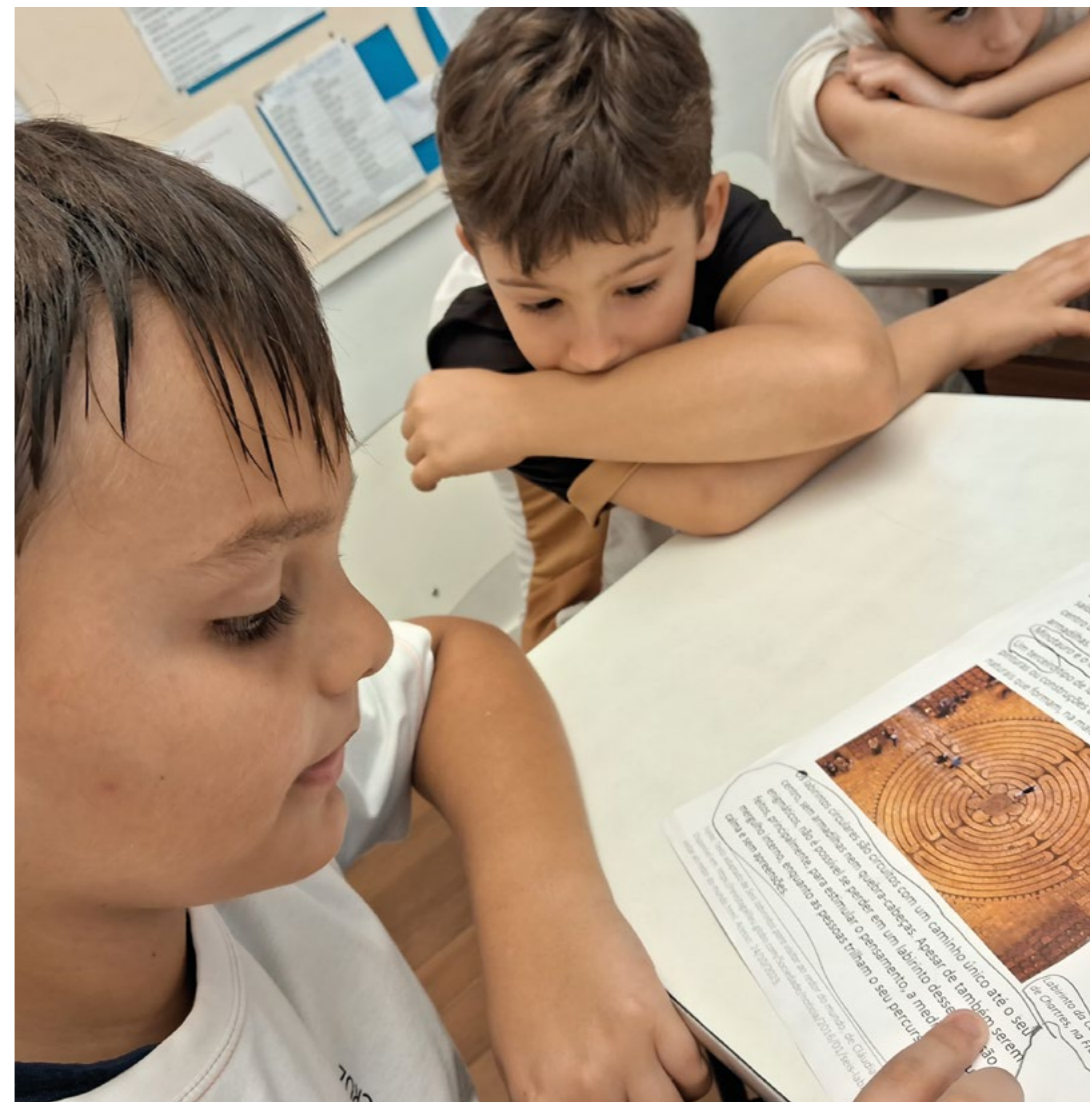
Elas investigaram origens mitológicas, histórias e vestígios arqueológicos, interpretando textos e imagens, enquanto ampliavam seus conhecimentos sobre os labirintos.

Essas ruínas que podem ser do labirinto do Minotauro, e têm quase 4.000 anos! Caetano

Escreveram para elaborar e comunicar sensações vividas. A construção do *Labirinto das Sensações* envolveu momentos de parada nesse tempo diverso da experiência. Parar. Pensar. Elaborar. Rever. Comunicar. Perceber os corpos na experiência. Perceber a experiência nos corpos. Vivenciar o espaço tornando-se lugar, ao atribuir a ele sentidos, afetos, saberes e autoria.

A sensação, no começo do labirinto, é de “está tudo bem”. Aí, você vai entrando, se perdendo e vai ficando nervosa, com raiva. Quando encontra a saída, a sensação é de “ufa!”. Alívio, felicidade. Malu

É importante saber sobre as sensações, porque você vai aprendendo a entender quando está com raiva. Aprende a esperar, ter calma. Fernanda





É como a gente ir daqui para o Verão. Sente medo por não saber a sala, tristeza porque se separa de vários amigos e a felicidade porque aprende coisas novas, vê coisas novas e faz novos amigos.

Francisco

E brincaram, como brincaram!

A gente brincou em um labirinto real no acampamento! **João Peloia**

A gente completou no papel. Isso é o jogo do labirinto. **Laura**

Construiu labirintos... Construir labirintos também foi uma brincadeira. **Antonio Arruda**

Também foram apresentadas ao artista M.C. Escher, o que permitiu a construção de pontes entre as experiências e sensações vividas pelas crianças e suas obras.

Parece um labirinto! É bem difícil ver uma entrada e uma saída se você estiver dentro. **Francisco**

É porque você não tem a visão toda. A gente está olhando de fora.

Dora

A sensação das pessoas que ele pintou é de confusão, que nem no labirinto. **Fernanda**

Foram muitos caminhos, entre experiências sensoriais, corporais, cognitivas, afetivas, estéticas e culturais. Invenções de labirintos, invenções de si, invenções de mundo. Um processo que culminou na instalação “Labirintos”, na exposição *Tempos Vivos*.

O que um labirinto tem a ver com a nossa vida? A cada passo da gente é um zigue-zague de um labirinto. A gente sempre tem algum desafio na vida que a gente sempre tenta aguentar. Arthur

LABIRINTOS

veracruz.ink/4bP8K3Y





2º ano

PROFESSORAS
Flavia Rizzo
Bianca Ruggeri
Celia Mendes

PROFESSOR ESPECIALISTA
Andre Papineanu

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Marcia Moraes

A CIDADELA DAS CRIANÇAS UMA CIDADE PARA TODAS AS PESSOAS

Será que os ônibus da cidade podem ser os fungos, e nós somos a energia que eles transportam? Francisco

Quando estávamos estudando a comunicação entre as árvores e as plantas, descobrimos que os fungos fazem o transporte de energia entre as árvores.

Mas e nas cidades? Como se dá essa comunicação? Será que, ao pensarmos sobre as relações que acontecem na natureza, podemos encontrar respostas sobre aquelas que acontecem nas cidades?

Não existe cidade sem natureza. Felipe

Mas como a cidade se comunica?

Manuela: Os canos são as raízes da casa.

Joana: Tem muitos tipos de canos, grossos e finos, e eles são como um tipo de comunicação.

Guilherme: E todos os canos se comunicam com o mar.

Bruna: As árvores têm as raízes debaixo da terra que vão para o mar também.

Guilherme: Muito debaixo da terra tem água.

Leona: As casas são tipo uma árvore, só que muda o formato. E as raízes são os canos.

Felipe: É mesmo! O subterrâneo é tipo uma cidade embaixo da gente.

A natureza é inspiração para as organizações humanas?





“Por que as árvores são seres tão sociais? [...] Os motivos são os mesmos que movem as sociedades humanas: trabalhando juntas elas são mais fortes. [...] Cada árvore é valiosa para a comunidade e deve ser mantida viva o máximo de tempo possível.”

Peter Wohlleben, em *A vida secreta das árvores*

Na nossa cidade, o Sesc é exemplo de um lugar onde as pessoas se comunicam de vários jeitos. É uma cidadela, como Lina Bo Bardi afirmou ao planejar a arquitetura do Sesc Pompeia: a cidadela da liberdade, uma cidade dentro da cidade.

A cidadela das crianças que construímos transmite a inspiração de Lina e da natureza: “Um lugar de fazer novos amigos, brincar, estar confortável, acolhido, seguro e feliz. Um espaço para todas as pessoas, com liberdade e respeito, na convivência entre todos os seres que compõem a vida” (descrição criada pelas crianças).

As raízes do chão, quando a gente foi pra praça, são também uma conexão. O chão pega tudo, é um tipo de conexão. A terra se comunica junto com as árvores. A gente também está conectado pelo chão. A gente está se conectando e se comunicando todo o dia pelo chão da escola. Noah





Tempo do mesmo tempo

SIMULTANEIDADE

Quantos tempos estão acontecendo agora?

Cada fenômeno tem seu ritmo, seu tempo particular. Uma árvore, por exemplo, se desenvolve num tempo e numa velocidade muito diferentes da queda de um raio. Podemos pensar que tempos históricos podem se sobrepor, o passado e o presente tornados visíveis em um mesmo fenômeno. Ou, ainda, a simultaneidade de tempos individuais e coletivos, que se entrecruzam ou se sobrepõem em camadas, indo além de um tempo linear.

Este núcleo se dedica a pensar de que forma fenômenos diferentes podem acontecer simultaneamente e, portanto, como tempos diversos se encontram.

TEMPO AO MESMO TEMPO

Convite à construção de um mural coletivo a partir de nós e amarrações com fios de malha.





G5

PROFESSORAS
Adriana Tavares
Sofia Costa

PROFESSORA ESPECIALISTA
Laura Gorski

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Helena Nobrega

GRAFITE E A ESTÉTICA DA ESCRITA

Nas férias, eu fiquei vendo um monte de grafites pela janela do carro. Antes, eu olhava e não via nenhum grafite, mas agora parece que eu só vejo isso! **Helena**

Os grafites foram nosso foco de pesquisa. Sensibilizadas a observar essa linguagem artística presente em muitos espaços pela cidade, com um olhar que contempla, as crianças fizeram muitas descobertas, e encantamentos aconteceram. Notamos a diversidade de tama-

nhos, formas e cores. Nesse exercício investigativo, nosso grupo se mostrou cada vez mais familiarizado com a linguagem do grafite e passou a problematizar a presença das letras.

Como são as **letras** no grafite? Quais são os recursos para o que se quer comunicar/provocar?

O estranhamento causado é da natureza do grafite. As crianças olhavam as letras, tentando decifrá-las, ao mesmo tempo que buscavam produzir suas próprias marcas e formas de expressar pensamentos. Elas mobilizaram aprendizagens sobre o sentido e as diversas formas de se comunicar durante seus processos criativos.

Eles não fazem só escrito e desenho, eles também podem fazer palavras, assinaturas em outros tipos de língua. Flora

A IDENTIDADE E A ESCRITA DO PRÓPRIO NOME

Como é a assinatura no grafite?

Utilizar as letras como expressão de identidade gráfica e realizar experimentações na escrita do próprio nome, com diferentes traçados e cores, tornou-se um desafio, ao qual as crianças se dedicaram intensamente.





VISITA DO ARTISTA DECO FARKAS – INTERCÂMBIO DE SABERES

Durante o processo de investigação sobre o grafite, Deco Farkas foi uma referência importante para o grupo. As crianças se divertiram tentando localizar sua assinatura – treco – escrita de diferentes maneiras, com letras invertidas e/ou fragmentadas, distribuídas pelo desenho.

Nesse encontro, as crianças buscaram conhecer detalhes do processo de criação do artista e aspectos de sua vida pessoal.

- *O seu nome de verdade é treco? Quando bebê, seus pais te chamavam de “trequinho”?*
- *Você faz um projeto do seu desenho no papel, antes de ir para o muro?*
- *Quando vai fazer um desenho grande, você faz tudo em um dia só?*
- *Em todos os desenhos que você faz, você assina o seu nome?*
- *Você sabe fazer as letras gordinhas do grafite?*

As descobertas vividas por meio desse projeto qualificaram o olhar das crianças sobre a cidade em que vivem – um centro urbano com

muitos muros tomados por pinturas e assinaturas feitas com grafias expressivas.

Investigar a estética do grafite foi importante para que as crianças pensassem sobre si mesmas. A construção de identidade foi um ponto de conexão entre essa arte e a inventividade do grupo em suas produções, especialmente em relação às assinaturas.



ENCONTRO
COM DECO FARKAS

veracruz.ink/3Ses57U





EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

...a história da luta por direitos civis e políticos dos negros brasileiros, desde o período colonial até os dias atuais. Este painel apresenta uma seleção de imagens e textos que retratam a resistência e a luta por igualdade racial no Brasil.

...a importância da cultura negra na formação da identidade brasileira, destacando a contribuição de artistas, escritores e intelectuais negros para a história do país.

...a luta por políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades e a inclusão social dos negros, especialmente em áreas como educação, saúde e emprego.

...a importância da participação da comunidade negra na tomada de decisões e na construção de políticas que afetem diretamente sua realidade.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos tenham acesso às mesmas oportunidades e onde a diversidade seja valorizada e respeitada.

...a importância da educação como ferramenta de transformação social e de promoção da cidadania.

...a luta por uma cultura mais plural e inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade étnica e cultural do Brasil.

...a importância da memória e da história negra na construção de uma identidade nacional mais completa e verdadeira.

...a luta por uma sociedade onde todos tenham voz e onde a justiça seja feita para todos.

...a importância da luta coletiva e da solidariedade na construção de um futuro mais justo e igualitário.

...a luta por uma sociedade onde todos tenham acesso às mesmas oportunidades e onde a diversidade seja valorizada e respeitada.

...a importância da participação da comunidade negra na tomada de decisões e na construção de políticas que afetem diretamente sua realidade.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos tenham acesso às mesmas oportunidades e onde a diversidade seja valorizada e respeitada.

...a importância da educação como ferramenta de transformação social e de promoção da cidadania.

...a luta por uma cultura mais plural e inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade étnica e cultural do Brasil.

...a importância da memória e da história negra na construção de uma identidade nacional mais completa e verdadeira.

...a luta por uma sociedade onde todos tenham voz e onde a justiça seja feita para todos.

...a importância da luta coletiva e da solidariedade na construção de um futuro mais justo e igualitário.



GRAFITE E A ESTÉTICA DA ESCRITA

...a importância do grafite como forma de expressão artística e cultural, destacando sua evolução e sua presença no cenário urbano brasileiro.

...a relação entre o grafite e a estética da escrita, explorando como a linguagem visual e verbal se entrelaçam na prática do grafiteiro.

...a importância do grafite na construção de uma identidade cultural e na promoção da diversidade artística.

...a luta por políticas públicas que reconheçam e valorizem o grafite como patrimônio cultural e artístico.

...a importância da participação da comunidade no desenvolvimento de projetos de grafite e na criação de espaços para a prática desta arte.

...a luta por uma sociedade onde todos tenham acesso às mesmas oportunidades e onde a diversidade seja valorizada e respeitada.

...a importância da educação como ferramenta de transformação social e de promoção da cidadania.

...a luta por uma cultura mais plural e inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade étnica e cultural do Brasil.

...a importância da memória e da história negra na construção de uma identidade nacional mais completa e verdadeira.

...a luta por uma sociedade onde todos tenham voz e onde a justiça seja feita para todos.

...a importância da luta coletiva e da solidariedade na construção de um futuro mais justo e igualitário.

SOBRE O MATEIRA BOLA-FAMBOLA - ENTUSIASMO DE GARIBOIS

...a importância do esporte e da cultura de rua na formação da identidade cultural dos jovens brasileiros, especialmente em áreas periféricas.

...a relação entre o esporte e a estética da escrita, explorando como a linguagem visual e verbal se entrelaçam na prática do grafiteiro.

...a importância do esporte na construção de uma identidade cultural e na promoção da diversidade artística.

...a luta por políticas públicas que reconheçam e valorizem o esporte e a cultura de rua como patrimônio cultural e artístico.

...a importância da participação da comunidade no desenvolvimento de projetos de esporte e cultura de rua e na criação de espaços para a prática destas atividades.

...a luta por uma sociedade onde todos tenham acesso às mesmas oportunidades e onde a diversidade seja valorizada e respeitada.

...a importância da educação como ferramenta de transformação social e de promoção da cidadania.

...a luta por uma cultura mais plural e inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade étnica e cultural do Brasil.

...a importância da memória e da história negra na construção de uma identidade nacional mais completa e verdadeira.

...a luta por uma sociedade onde todos tenham voz e onde a justiça seja feita para todos.

...a importância da luta coletiva e da solidariedade na construção de um futuro mais justo e igualitário.





G5

PROFESSORAS
Leticia Batista
Thatiany Candido

PROFESSORA ESPECIALISTA
Laura Gorski

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Helena Nobrega

UMA OCUPAÇÃO POÉTICA DOS ESPAÇOS

“Para ensinarmos um aluno a inventar precisamos mostrar-lhe
que ele já possui a capacidade de descobrir.”

Gaston Bachelard

Olhar, observar, atentar, perceber, admirar.

Esses foram alguns movimentos realizados pelas crianças ao longo
do semestre, ao se apreciarem pelo reflexo do espelho.

O olhar que encontra a própria imagem se encanta e se surpreende com a quantidade de marcas e detalhes que descobre no nosso corpo, no nosso rosto. São marcas que comunicam o crescimento e a transformação, resultado da passagem do tempo, como a troca dos dentes e o cabelo que se altera ao crescermos.

Características físicas comunicam marcas da ancestralidade e compõem a singularidade e identidade de cada um.

Eu gosto do meu rosto porque ele é parecido com a minha avó.

Olivia Buarque

Meus olhos são de jabuticaba. Irene

Desenho, pintura, recorte e colagem foram algumas das linguagens experimentadas pelas crianças durante a investigação do próprio rosto, na intenção de criarem autorretratos.

A apreciação do trabalho de Renata Bueno, no livro *Monstros urbanos*, encantou as crianças.

O encanto transformou-se em ação e intervenção.

As partes do corpo desenhadas e recortadas individualmente passaram a ocupar os espaços coletivos da escola, dando vida a novas figuras, que ganharam significado afetivo.









1º ano

PROFESSORAS
Luiza Gaia
Patrícia Linhares

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Galender

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Juliana Parreira

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

A história individual entrelaçada ao contexto coletivo foi objeto de investigação de nosso grupo.

O que nos constitui como indivíduos?

O que nos identifica como coletivo?

A partir do mergulho em biografias de personalidades como o ativista Nelson Mandela e o escritor Otávio Júnior, as crianças depararam

com a força do engajamento pessoal na transformação do percurso coletivo e com a mesma potência formativa do coletivo na construção do indivíduo.

Como essas histórias de luta reverberam em nós?

Descobrimos que o coletivo permite a nós nos entendermos como seres únicos (mas não sozinhos), à medida que nos diferenciamos e nos assemelhamos, para melhor nos compreendermos.

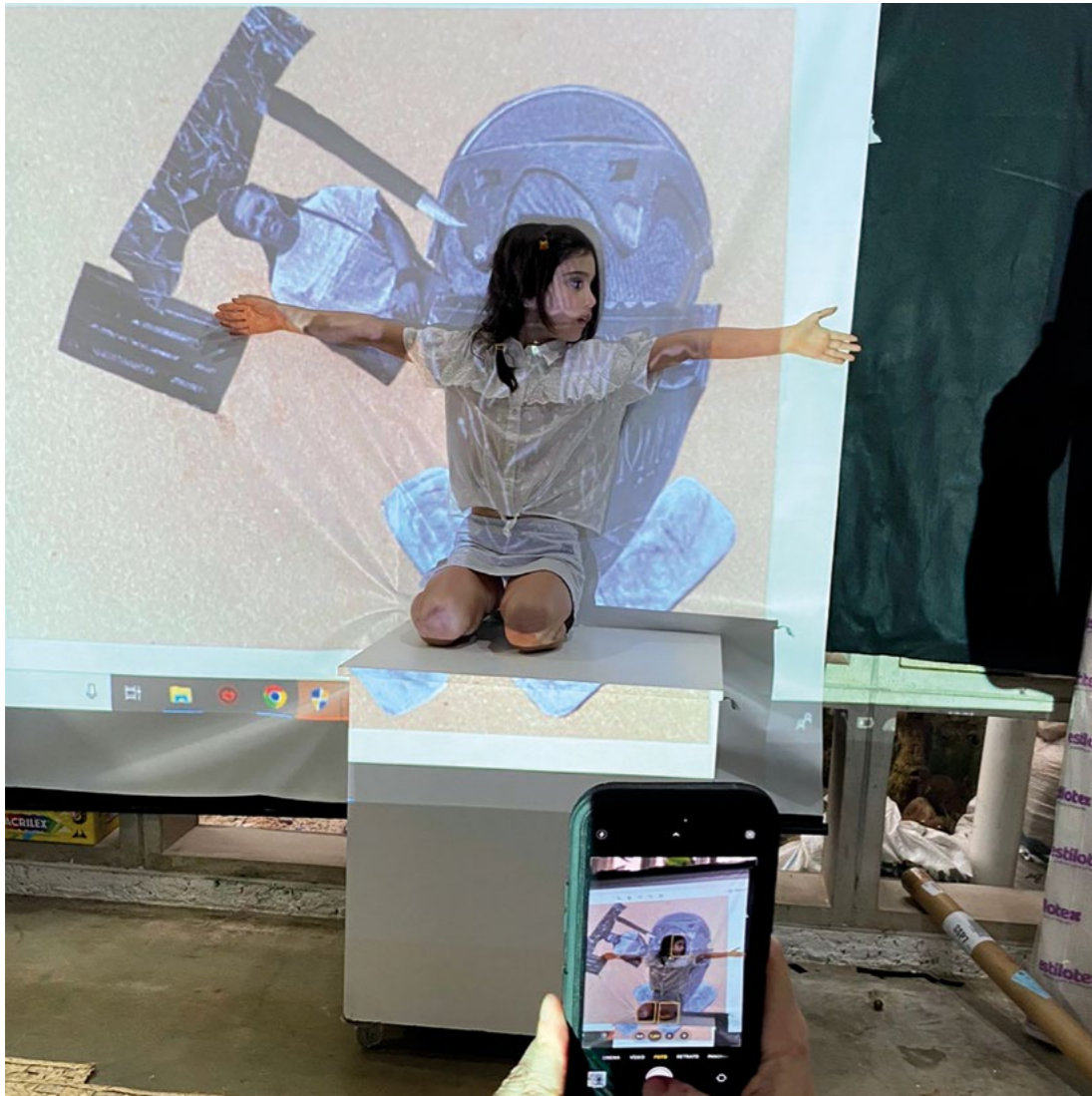
Nessa perspectiva, a linguagem artística da fotomontagem foi um excelente recurso para tornar visível essa reflexão.

Quais imagens compõem a coleção de histórias e aprendizados compartilhados em nosso intenso ano de trabalho na escola?

E quais são aquelas que fazem parte da coleção pessoal de cada criança?

Nós pensamos que a Sheila tem a conexão com as brincadeiras, o Otávio Júnior tem a conexão com os livros, a família Carvalho tem a ver com o tambor, o Nelson Mandela tem a ver com os países e as formigas têm a ver com os formigueiros. E nós fizemos costuras, tudo isso se conecta com a gente! **Isabela Sandrini**





Ao se misturarem, as imagens compõem novos significados sobre nossas formas de ser e estar no mundo. Em nosso percurso, a fotomontagem foi experimentada como um manifesto de sujeitos individuais e coletivos.

Nas composições criadas pelas crianças, as produções individuais pulsam a potência do coletivo.

Ubuntu: eu sou porque nós somos!

EU SOU PORQUE
NÓS SOMOS



veracruz.ink/4b0ErKQ





1º ano

PROFESSORES
Mariana Poci
Rafael Silva

PROFESSOR ESPECIALISTA
André Papineanu

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Juliana Parreira

COREOGRAFIAS DO EQUILÍBRIO

Esse é um jogo de equilíbrio que tem que andar peça por peça. Se cair, volta para o início. Carol

A partir de uma brincadeira de circuito, começou uma investigação do nosso grupo sobre o equilíbrio.

**Como o nosso corpo deve estar para nos mantermos equilibrados?
Em quais diferentes momentos precisamos usar o equilíbrio?**

Se você jogar mais peso de um lado, você tem mais chance de cair para aquele lado. Giovanna

Ter dois apoios no corpo, como as pernas, ajuda a se equilibrar.

Luísa

Quando a gente anda e começa a cair, é só colocar o peso para o outro lado. Francisco

A gente se equilibra mais com os braços abertos. Mari D.

Precisa ter equilíbrio para andar de patins. Marina

Eu tô colocando pressão para baixo para que todo o meu peso esteja no pé apoiado. Quando meu peso tá muito de um lado, eu jogo para o outro, inclinando o corpo. Meus braços também estão me ajudando a me equilibrar. Otto

EM CIMA DE QUAIS PEÇAS É MAIS DIFÍCIL NOS EQUILIBRAR?

Mariana D.: *Quando você pisa nessa peça, ela treme.*

Cora: *É porque quando você pisa nela, ela pode rolar e ela é inclinada.*

Professora: *O que ela tem que a faz virar para o lado?*





Cora: Ela não tem lados.

Olivia: Quando você pisa, ela gira, porque ela não tem um apoio para ficar parada.

Professora: Por que ela não tem apoio?

Carol: Porque essas peças são redondas e não têm reta. E apoio é quando é reto.

Júlia: E se elas fossem retas teriam uma base, mas ela é redonda.

Mariana D.: Essa peça é difícil porque pode virar para o outro lado e escorregar.

Júlia: Ela é muito inclinada, e, debaixo, é reta. E se você põe o peso aqui ela cai.

Raul: Se você se equilibrar aqui, você pode escorregar e cair.

Luísa: Se você quiser não cair, você põe um pé e já passa para a outra peça, e pronto.

Equilibrando-nos por esses caminhos, deparamos com a Bienal de Arte de São Paulo: “Coreografias do impossível”.

Coreografia é quando muitas pessoas estão fazendo a mesma coisa, mas cada um com o seu movimento. **Luísa**

Coreografia são duas pessoas fazendo o mesmo movimento, na mesma hora e no mesmo tempo. Joana

Quando as pessoas estão fazendo a mesma coisa. Cora

Várias pessoas dançando, mas com os movimentos diferentes.

Violeta

Duas pessoas dançando, mas sem fazer o mesmo movimento. George

Duas ou mais pessoas fazendo o movimento ao mesmo tempo.

Francisco

Coreografia fica mais bonita com todo mundo fazendo ao mesmo tempo. Mariana D.

A partir da visita, nosso grupo passou a enxergar coreografias nos circuitos de equilíbrio que vínhamos criando, como também em outros movimentos do cotidiano de nossa escola.

E quais coreografias vocês enxergam na escola?

Na hora da saidinha, porque todo mundo pega os cadernos para desenhar, mas os desenhos ficam diferentes. Luan

Na aula de Inglês, porque a teacher faz vários desafios e a gente tem que pensar ao mesmo tempo. Júlia





Na hora de escrever, porque está todo mundo escrevendo, mas cada um está escrevendo uma coisa. Giovanna
Na hora de pegar livro, porque tem gente sentada, tem gente lendo e fazendo a mesma coisa com livro. Joana

COREOGRAFIAS
DO EQUILÍBRIO



veracruz.ink/3Sg2X0q





2º ano

PROFESSORES
Lucas Pernambuco
Sheila Perina

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Galender

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Marcia Moraes

O QUE É SER LIVRE?

Ser livre é voar nos pensamentos. Sophia

À primeira vista, essa pergunta pode parecer simples. De fato, nas discussões iniciais, as crianças frequentemente associavam a liberdade à ideia de “fazer o que quiserem”. Ao longo do trabalho, deixamos o debate mais complexo, promovendo a ampliação do entendimento do que é liberdade.

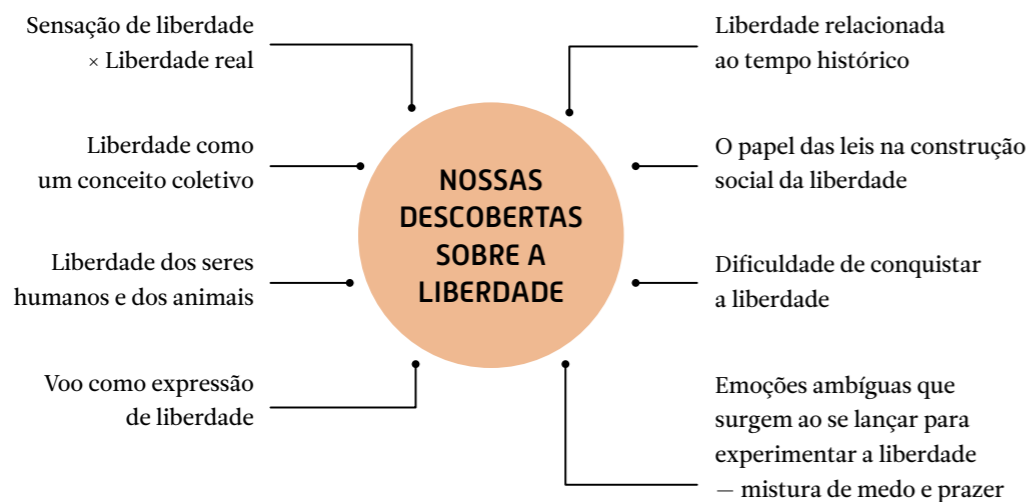
O animal é livre quando tá solto na floresta e não é livre quando tá preso. Manuel

“A liberdade é uma luta constante.”

Angela Davis

É fácil falar sobre liberdade, mas fazer é difícil. Jonas

Quando você tá livre, é quando você tá ao ar livre, aí você tá livre mesmo. No futebol, quando você tá livre, é quando você não tá marcado. João H.





ORIGEM

No início do ano, inspirado pelo encontro com o artista Antonio Obá, nosso grupo mergulhou profundamente na reflexão sobre o conceito de liberdade.

“Quando você vê um pássaro voando todo pleno ali no céu, com seus movimentos, que tipo de sensação isso provoca em você?”

Antonio Obá

“Eu tenho tantas maneiras de me comunicar pelo gesto, né? Eu tô falando e tô mexendo o tempo inteiro a minha mão. São maneiras de poder expressar melhor aquilo que eu tô sentindo.”

Antonio Obá

RETOMADA

Fruto do primeiro encontro com o artista, na volta das férias fomos à exposição onde está sua instalação *Revoada*, na Pina Contemporânea, para ver o resultado do trabalho de que havíamos participado.

A liberdade depende da pessoa, do lugar e do tempo. **Tereza**

BIOGRAFIAS

Para aprofundarmos nossa investigação, passamos a examinar o conceito de liberdade à luz das histórias de vida de indivíduos que lutaram por ela.

“A Bessie deu a vida para as meninas terem o poder de voar e tentar atravessar o oceano como ela. Ela deu coragem e força”, Lorena comentou sobre a vida da piloto Bessie Coleman

ANTEPASSADOS

Introduzimos esse conceito nas vidas das crianças, explorando as histórias de pessoas de suas famílias que se relacionam com a liberdade.



ONDE NOS SENTIMOS LIVRES NA ESCOLA?

[Liberdade] *para mim, é ser livre dentro da regra.* **Bruna**

ATELIÊ

As experiências de expressão artística foram variadas, incluindo desenhos feitos como se estivéssemos em voo, pinturas utilizando apenas as mãos e outras com canetas que voaram pelo papel.

Quando a gente começou, a gente achava que liberdade era fazer o que quiser e voar. A gente foi aprendendo que a liberdade não é só voar e fazer o que quiser. A nossa ideia do que é liberdade foi mudando com conversas, estudos, testando coisas novas e fazendo experimentos. **Teodora**

Na verdade, tem vários jeitos de ser livre. Ter um jeito só de ser livre não é liberdade. **Tereza**

“Toda vez que se suprime a liberdade, fica ele [o homem] um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora.”

Paulo Freire, em *Educação como prática da liberdade*







2º ano

PROFESSORES
Sílvia Mendonça
Lia Reinach

PROFESSORA ESPECIALISTA
Mariana Serri

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Marcia Moraes

MAPAS: CAMADAS DE AFETO, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

“Um mapa não pode conter todos os objetos e relações presentes no espaço representado. Obviamente, também não pode conter coisa alguma. Seu valor se expressa tanto pelos elementos que apresenta quanto pelos que omite. Ele é, simultaneamente, presença e ausência.”

Nilson José Machado, em *Notas sobre a ideia de mapas*

Quais sentimentos e movimentos a arte convoca?

O que me agrada nos meus traços? Quando o trabalho do outro me ajuda a ter outras inspirações? O que fazer quando o meu desenho não me traz satisfação?

Vimos as crianças passarem por essas questões em diversos momentos do Ateliê de Artes, por meio de gestos e ações que ora as aproximavam, ora as afastavam de seus trabalhos.

Cada necessidade, observação e experiência foi importante para a construção do percurso individual, uma aproximação ao “estado de ateliê”, ampliando novas conexões e encontros com a matéria. Nos diversos contextos vividos no Ateliê, as crianças perceberam a importância do percurso para chegarem ao resultado idealizado.

As trocas ao longo das aulas e a observação dos processos dos colegas proporcionaram momentos de encontros e desencontros, quando as crianças tiveram a oportunidade de perceber semelhanças e diferenças entre o próprio caminho percorrido e aqueles experimentados pelos seus pares.

A visita à exposição “Revoada”, na Pina Contemporânea, foi não só uma oportunidade de celebrar a parceria iniciada com o artista





Mapa da Marcela.

Antonio Obá, mas também a possibilidade de as crianças aguçarem seu olhar e captarem, por meio do desenho, elementos do trajeto da escola até o centro da cidade, uma imersão aos próprios percursos, investigações e processos expressivos.

As crianças elaboraram mapas que representam, pelo seu olhar, os caminhos que as levam ao nosso ponto de encontro: a escola. A individualidade de cada uma se concretizou em cada trabalho, por meio das particularidades de seus traçados e da oportunidade de representar aquilo que lhes fosse mais significativo em seu trajeto.

A etapa seguinte foi desenvolvida a partir da construção dos mapas pessoais das crianças. Pensar em emoções e memórias afetivas para uma segunda camada da produção individual possibilitou que elas nomeassem e compartilhassem seus sentimentos e sensações em torno de seus caminhos, ponto de partida e de chegada. A cada encontro no Ateliê, uma nova camada foi concebida e cuidadosamente produzida para compor o mapa pessoal.

O papel vegetal é transparente, dá para ver o que tem embaixo.

Martin

É por isso que dá para fazer novas camadas, e fazer por cima para parecer igual. Dá para acrescentar coisas para ficar melhor e ter novas ideias. **Tomás**

Eu acho que [a camada] é para você acrescentar coisas que você não viu antes e que você lembrou. **Marcela**

O encantamento do trabalho finalizado está no esforço que cada camada convocou, na concretude que precisamos para considerar o vivido a fim de alcançar avanços nos processos de aprendizagem, na importância das relações e das trocas. Assim, é possível se inspirar, criar e escolher caminhos.







2º ano

PROFESSORAS
Mayra Capelossi
Clara Ferreira

PROFESSOR ESPECIALISTA
Andre Papineanu

AUXILIAR DE ATELIÊ
Gilene Miranda

ORIENTADORA
Marcia Moraes

MEMÓRIAS: CONSCIENTE COLETIVO

No 1º semestre de 2023, a partir do ateliê inaugural e da ideia de **temporalidade**, investigamos as camadas do subterrâneo e do céu. No 2º semestre, essa temática continuou presente nas falas e nos interesses das crianças, mas com um novo foco: nossas camadas internas. Percebemos que essa curiosidade ia além da fisiologia humana, e reverberava na **subjectividade** de cada um: o que nos constitui como indivíduos? E como **coletivo**?

Inácio: [Embaixo dos cabelos tem] *o couro cabeludo.*

Madalena: *E pele.*

Inácio: *Sangue.*

Madalena: *Crânio.*

Lino: *Carne.*

Frederico: *Veia.*

Maia: *Neurônios.*

Inácio: *Cérebro. E depois do cérebro?*

Felipe e Madalena: *Memórias!*

Madalena e Maia: *São camadas!*

Inácio: *A gente entra no cérebro, e dentro do cérebro tem as memórias. E como elas estão organizadas? E o que tem dentro das memórias?*

Helena: *Pessoas, amizades.*

“A memória é um espaço de disputa, é por meio dela que as versões das histórias são contadas, quem tem poder na sociedade tem a sua memória valorizada, quem não tem é apagado, relegado ao esquecimento.”

Karina Vieira e Gabi Oliveira, em *Cartografia dos afetos* (2022, p. 190)





Quais são as camadas da memória?

Onde e como nascem as memórias?

Em qual camada do corpo elas ficam?

Quais memórias você guarda como um tesouro? Que memórias são ativadas pelos sentidos?

Afinal, o que é memória?

*Memória às vezes não é presente, mas também não é futuro, porque o presente vai virar passado e o futuro vai virar presente, e aí vai acontecer tudo de novo. **Pietra***

*De algum jeito, a gente não tem fim, porque as nossas memórias nunca acabam. **Maia***

*Todas as obras que o monitor mostrou tinham a ver com memória e com escravidão. **Madalena***

Eu aprendi a respeitar a história. Tem gente que, mesmo sabendo que uma coisa é ruim, acha ok, e nem pensa nas consequências.

Lino

*É para lembrar e não acontecer de novo. **Bento***

“Memória é onde preservamos nossas histórias,
é território onde guardamos para compartilhar todos os
saberes que acessamos.”

Brito, Marinho (2010)

Refletimos acerca das percepções de cada um a respeito de experiências e espaços comuns, transitando entre o que é individual e o que pertence ao coletivo. Criamos **um espaço onde tudo isso se conecta**, e acessamos sabedorias ancestrais. **Aprender com o passado para construir presente e futuro.**

Quando eu vou na casa das minhas amigas, a gente faz tudo juntas, então é a mesma memória. Mia

As memórias podem ser as mesmas, mas também podem ser lembradas de um jeito diferente. Bento

Você não está no corpo do outro. Então, é outra memória. Maia





TEMPOS VIVOS

Exposição de Artes

G5, 1º e 2º ano – 2023



Educação Infantil e Ensino Fundamental G5 ao 2º ano

DIREÇÃO GERAL
Heitor Fecarotta

DIREÇÃO DE GESTÃO
Marcelo Chulam

DIREÇÃO PEDAGÓGICA
Regina Scarpa

COORDENAÇÃO
Juliana de Paula Costa
Rita Botter

COORDENAÇÃO CURRICULAR
André Reinach

ASSESSORIA E COORDENAÇÃO
DE ARTES
Mariana Galender

ORIENTAÇÃO
Helena Nobrega de Menezes
Juliana de Mattos Parreira
Lilian Dafferner [Lika]
Marcia Cristina de Almeida Moraes

PROFESSORES ESPECIALISTAS
DE ARTES
André Papineanu
Laura Gorski
Mariana Galender
Mariana Serri Francoio

DOCUMENTAÇÃO E
ORGANIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO
Camila Campello

EQUIPE

Adriana de Rezende
Adriana Ribeiro Correa Tavares
Alexandre Miguel Olimpico
Ana Célia Leitão Carvalho
Ana Claudia Neves Lima Santos
André Galli Mercadante
André Papineanu
André Reinach
Andréa Cristina Felix Dias
Arianda Patricia Linhares Bispo
Beatriz França Morena
Beatriz Freire Siqueira de Carvalho
Bianca de Mendonça Ruggeri
Bruno Aparecido Silva Soares
Carmen Lucia de Lima
Camila Capato Gallo
Camila Stelzer Fernandes
Camila Urquiza Campello
Célia Regina Ferreira Mendes
Clara Rossi Ferreira
Claudia Munhoz Ferrigato Paranhos
Claudia Stefanelli
Julien Ribeiro
Danilo Sarmento Santana
Debora Negreiros Mello Freire
Elisabete Ferreira da Mota
Ester Oliveira Barboza
Fernanda Hungerbuhler Barroso
Flávia Cristina Rizzo Barbosa
Flávia da Costa Lima Fernandes
Gilene Miranda dos Santos
Gisely Lopes Boer Medeiros
Hanna Cotrim Broncher Medeiros
Helena Freitas Machado
Iara Ramos Souza
João Thiago Delgado
José Domingos da Silva Batista
Julia Nowikow de Souza
Juliana Andrade Tenecci
Juliana Wuolopes Terra
Laura Barbieri Gorski
Leonardo Ferreira dos Santos
Letícia Maria Batista da S. Koerner
Lia Reinach Lilian Dreger Schiavinato
Lilian Dafferner Teixeira
Lucas Decot Pernambuco
Luciana Rodrigues Pires
Luiza de Lima Gaia Carvalho
Mária Carolina Gonçalves Venuto
Maria da Vitória Fernandes Costa

Mariana Mifano Galender
Mariana R. da Silveira C. de Albuquerque
Mariana Serri Francoio
Mariana Wagner Poci
Mayra Capelossi
Murilo Viana Vale
Nayara de Menezes Rocha
Paula Carolina Dias Tonetto
Pedro Lopes de Oliveira
Priscila Basile de Moraes Leme
Rafael José da Silva
Renata Leme de Mattos
Rosângela Gerardi
Roseide Maria de Freitas
Sheila Perina de Souza
Silvia Omori Ribeiro de Mendonça
Simone Regina Lorena da Silva Rocha
Sofia Ferraz da Costa
Sônia Regina Pires de Farias
Tais Kozlakowski Patrício
Thainná Santana Rodrigues
Thatiany Candido Oliveira dos Santos
Vanessa Brandão Terrasan
Viviane Azeredo Noguchi



EDIÇÃO
Claudia Cavalcanti

REVISÃO
Iara Arakaki

PROJETO GRÁFICO
Juliana Lopes

CRÉDITO DOS DESENHOS
Capa, p. 16 e p. 140
Helena Galender Felício

P. 84
Antônio Herdeiro

São Paulo, novembro de 2024

“Poesia é tempo.” Leda Maria Martins

